




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

EDVALDO TEIXEIRA MORAES

**ESTUDO DE PIADAS: A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Campo Grande/MS
2015

M	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
MORAES, ET	<p>EDVALDO TEIXEIRA MORAES</p>
ESTUDO DE PIADAS: A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	<p>ESTUDO DE PIADAS: A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA</p>
2015	<p>Campo Grande/MS 2015</p>

EDVALDO TEIXEIRA MORAES

**ESTUDO DE PIADAS: A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elza Sabino da Silva Bueno

Campo Grande/MS
2015

CIP – Catalogação na Publicação

M819t Moraes, Edvaldo Teixeira

Estudo de piadas: a importância dos textos humorísticos nas aulas de língua portuguesa/Edvaldo Teixeira Moraes. Campo Grande, MS: UEMS, 2015.

102p. ; 30cm.

Orientadora: Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Campo Grande., 2015.

1. Literatura - Pesquisa. **2.** Crítica. **3.** Autores. **I.** Título.

CDD 23.ed.800.72

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, com dados fornecidos pelo autor.

EDVALDO TEIXEIRA MORAES

**ESTUDO DE PIADAS: A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Profa. Dra. Maria Leda Pinto
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Marilze Tavares - Suplente
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Campo Grande/MS, 03 de Junho de 2015.

Dedico a meus pais, Brasilino e Maria Quilma, razão do meu existir, motivo do meu persistir e os grandes responsáveis por eu ter me tornado quem sou. Obrigado por tudo. Vocês sabem que eu não paro por aqui. Vocês me ensinaram que não há limites intransponíveis.

Faço uma dedicatória especial à memória de minha querida avó, Rosalina da Silva Moraes, uma pessoa tão marcante e importante na minha vida, que me fez entender que os laços do amor verdadeiro não se quebram nem mesmo com a morte. Isso nada mais é do que apenas um momento em que estamos distantes fisicamente, mas espiritualmente continuamos e continuaremos inseparáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Supremo mestre do humor e da vida.

A minha orientadora, Dr^a. Elza Sabino da Silva Bueno, pela paciência, pelo carinho e despojamento em compartilhar sua sabedoria e experiência.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS –, pela oportunidade e acolhida no Programa de Pós- Graduação.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram em todos os momentos de minha vida.

Aos meus irmãos, que sempre me fizeram perceber o quanto é forte o laço de família e a certeza de que não estamos sozinhos.

Às minhas cunhadas, que sempre me acolheram e me dispensaram todo apoio e carinho, e aos meus sobrinhos, que sempre foram minhas paixões e grandes inspiradores.

Aos meus amigos, que nunca me abandonaram e sempre me mostraram que tenho amizades verdadeiras.

Agradeço especialmente aos meus amigos: Katia Arriero, Sérgio Mondadori, Ana Claudia Albuquerque e Eugênio Mendes, por sempre me apoiarem e me incentivarem a dar continuidade aos meus estudos e por acreditarem em mim.

Ao meu grande amigo Flávio Silveira de Alencar, que muito me ensinou e me fez perceber que na hora da dificuldade um amigo verdadeiro é essencial para superar as adversidades da vida e no triunfo é com ele que nos alegra partilhar a vitória.

Agradeço aos alunos e alunas que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

E a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

“É saudável rir das coisas mais sinistras da vida, inclusive da morte. O riso é um tônico, um alívio, uma pausa que permite atenuar a dor...” (Charles Chaplin)

MORAES, Edvaldo Teixeira. *O TEXTO HUMORÍSTICO: Estudo de Piadas como recurso para o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

RESUMO

Ao tomarmos por base a realidade social, na qual se acentuam cada vez mais a efemeridade das coisas, as mudanças dos padrões sociais e as evoluções tecnológicas, percebemos que tudo isso se reflete também na prática educacional, no modo de se ensinar Língua Portuguesa (LP) e na busca do professor por novos recursos que o auxiliem em sala de aula. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar se as piadas podem ser consideradas um material atrativo em sala de aula e qual a sua importância no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que se trata de textos mais curtos, geralmente conhecidos e acessíveis aos diversos públicos de classes sociais e faixas etárias variadas, possibilitando assim, maior interesse dos alunos por esses textos, já que os jovens e adolescentes estão cada vez mais conectados às redes sociais e aos aplicativos tecnológicos, pode-se aproveitar o fato de que as piadas circulam livres e abundantemente por esse universo comunicativo-interacional, além de serem reproduzidas nos mais diversos ambientes sociais, familiares, profissionais. Elas têm conquistado espaço cada vez mais considerável no rádio, televisão e em outros veículos de comunicação, nos mais diferentes formatos e abordagens. Considerada essa realidade, o estudo está baseado em uma pesquisa empírica em sala de aula, com duas turmas do Ensino Médio, da Escola Estadual Etalvío Pereira Martins, na cidade de Rio Brilhante-MS, no segundo semestre do ano de 2014, durante as aulas de Língua Portuguesa, nas quais, ao se trabalhar o texto humorístico, tendo como foco principal as piadas, cuja aceitação se fez de forma muito natural e a turma se mostrou receptiva e satisfeita com o tema proposto, inclusive demonstrando participação total e espontânea. O estudo está fundamentado em teóricos da Linguística, da Análise do Discurso e, principalmente da Sociolinguística, já que este é o enfoque principal. Foi possível constatar que as piadas realmente podem ser consideradas um material relevante para ser utilizado nas aulas de LP, e através desses textos, podem ser trabalhados os conteúdos gramaticais, desenvolvendo as diversas competências linguísticas dos alunos. Enfim, esperamos que essa pesquisa, possa se somar a tantos outros relevantes trabalhos realizados com essa temática do humor, utilizando as piadas e, de alguma forma sirva como material importante, que possa

contribuir para a educação e o ensino de língua portuguesa e, possa motivar outros pesquisadores a explorar essa temática, e diminua o distanciamento e a resistência que se tem quanto aos textos humorísticos em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, Texto Humorístico, Piadas.

MORAES, E. T. *O TEXTO HUMORÍSTICO: Estudo de Piadas como recurso para o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula.* 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

ABSTRACT

When we take for base the social reality, in which the frailty of things is more and more accentuated, the changes of the social standard and technology evolution, we realize all of this also reflect on educational practice, on the way to teach Portuguese Language – PL and on teacher’s search for new research to aid them in classroom. Thus, the research’s objective is to analyze how jokes can become an attractive search to teaching learning of language in classroom, once it deals with shorter texts, generally known and accessible to different publics of varied social class and age group, enabling the students to have a bigger interest for these texts. Since young people and teenagers are connected more and more to social networks and to technological apps, the fact jokes run free and in abundance for this communicative – international universe, they are repeated in different socials, family, professional environment as well as they have conquered more and more considerable space in radio, television and humor website. Considering this reality, the study is based on an empirical search in classroom, on two-secondary education class of State School Etalívio, in Rio Brillhante – MS city, in the second half of 2014, during Portuguese Language classes, in which the jokes were the main focus to work comedy text, of which acceptance had done of a natural way and the class had shown very receptive and satisfied with the proposed subject, including demonstrating complete and spontaneous participation. The study based on theoretical linguistics, of Discourse Analyses Mainly from sociolinguistics, since this is the focus. It was possible to stablish to consider the possibility that jokes can really be used as a positive resource for the teaching of Portuguese Language, in which it is possible to be worked grammatical context without compromising any of the proposed curriculum. Anyway, we hope that the research can be added to many others works performed with this mood subject, using jokes and they can somehow serve as support supplies and reflection to improve the teaching learning of PL.

Key-word: Comedy text, jokes, teaching of Portuguese Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 CAPÍTULO I – VISITA À HISTÓRIA DA LÍNGUA E REVELAÇÃO DAS MUITAS FACETAS DO HUMOR	20
1.1 Uma breve reflexão sobre a língua	20
1.2 A Linguística	23
1.3 A Linguística Histórica	24
1.4 A Sociolinguística	25
1.5 Os objetos de estudo da Linguística e da Sociolinguística	29
1.6 Uma breve reflexão acerca do riso	33
1.7 Da Grécia à Pós-Modernidade	36
1.8 O espaço do humor na sociedade atual	38
2 CAPÍTULO II – O TEXTO HUMORÍSTICO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA	43
2.1 A crise do ensino e o papel do professor no processo de aprendizagem	43
2.2 A importância do texto humorístico no ensino de LP	48
2.3 O texto humorístico como instrumento de inclusão social em sala de aula	51
2.4 As piadas sob a ótica linguística - <i>estrutura gramatical das piadas</i>	54
2.5 O “erro” como fator determinante do resultado humorístico	60
3 CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	63
3.1 A importância da pesquisa no ensino de gramática	63
3.2 A metodologia da pesquisa	67
3.3 A análise das piadas trabalhadas em sala de aula com os alunos.	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

Este estudo se insere na Área de Concentração: Linguagem, Língua e Literatura, na Linha de Pesquisa de Produção do Texto *Oral e Escrito*, do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande – MS.

Pensando em um estudo que pudesse contemplar a Linha de Pesquisa do Programa, que contribuísse para melhor compreensão do texto humorístico, sua importância no processo de ensino- aprendizagem de língua portuguesa em sala de aula, foi desenvolvido este trabalho, intitulado “Estudo de piadas: a importância dos textos humorísticos nas aulas de Língua Portuguesa”, uma vez que as piadas são textos curtos, conhecidos e acessíveis aos diversos públicos, classes sociais e faixas etárias, além de circularem facilmente em rádio, televisão, internet, e no ambiente escolar, objeto de nosso estudo.

A piada é um texto que possui relacionamento direto com o riso. É impossível dissociar o seu caráter estrutural do aspecto risível. É um texto com coerência e estruturação lógica e se apresenta como um terreno fértil de produção e reprodução do humor, o que a tem tornado objeto de interesse de estudiosos, principalmente nas últimas décadas, cujo trabalho tem se esforçado para se voltar a essa temática, para desvendar os mistérios e os valores que a cercam (GIL, 2011).

O objetivo do estudo com piadas é identificar sua estrutura e descobrir a sua composição por elementos linguísticos que permitam classificá-las como texto humorístico. O enfoque deste trabalho está pautado na análise linguística, avaliando como esses elementos influenciam na produção do efeito de humor, como é o caso da elipse, da ambiguidade, da polifonia e de outros elementos que garantam sua risibilidade, bem como o contexto no qual é produzida ou reproduzida uma piada. Outro elemento importante encontrado na maioria das piadas é o que Possenti (2011) chama de “gancho” ou “gatilho”, isto é, um recurso que modifica o final do texto, levando-o a um desfecho totalmente inesperado e diferente daquele imaginado pelo leitor ou daquele para o qual o texto aparentemente conduzia.

Neste estudo, o objetivo principal é, após analisar a estrutura das piadas, avaliar qual a importância dos textos humorísticos nas aulas de Língua Portuguesa (LP). A hipótese que se quer comprovar é se as piadas, ao lado dos demais gêneros textuais, podem ser consideradas

material relevante no ensino de LP em sala de aula, uma vez que contemplam praticamente todos os mecanismos gramaticais e discursivos, podem atuar como um meio de interação social, estabelecendo a relação entre emissor e receptor envolvidos no ato da produção e/ou reprodução do texto e por possibilitar trabalhar, nos alunos, suas competências e habilidades linguísticas, ao contar e recontar piadas, comunicar e interagir com seu grupo, sendo capaz de manipular os fatos sociais e linguísticos de sua cultura, (GIL, 2011).

Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho se encaixa nos interesses dos estudos linguísticos e de suas subáreas, principalmente no interesse da Sociolinguística, enfim, das ciências da linguagem, pois é um estudo que trata da parte estrutural linguística sem desvinculá-la, porém, do contexto situacional, como a identidade dos autores, emissores e receptores e outros fatores sociais. Além disso, a própria metodologia de realização da pesquisa está baseada no enfoque sociolinguístico, pois um dos momentos de constituição do *corpus* deste trabalho consistiu na reprodução oral e espontânea das piadas, sendo possível avaliar o falante em sua fala espontânea e natural (TARALLO, 2007).

Portanto, o que se almeja com este trabalho e com o estudo do riso ou dos textos risíveis, mais especificamente as piadas, é contribuir para a possível transformação de alguns aspectos da realidade educacional, fazendo com que os alunos se tornem mais participativos e atores dinâmicos nesse processo, desfazendo o ser apático, indiferente, incapaz de argumentar, de reagir e de opinar sobre seu próprio mundo, aproveitando que as crianças e adolescentes são seres curiosos e ativos, cuja vivacidade pode levá-los a universos intelectuais fantásticos e inimagináveis, desde que bem trabalhados e motivados de forma positiva, como afirma Gil (2011, p.18).

Afirmar que o homem está em constante processo evolutivo parece uma proposição óbvia demais. No entanto, essa parece ser a palavra de ordem do momento atual. Tudo muda rapidamente, as tendências se transformam instantaneamente, a moda, os estilos e as regras se metamorfoseiam de forma espantosa e é fundamental estar atento a esse dinamismo inerente à sociedade pós-moderna, para entender e assimilar as transformações que ocorrem em todos os segmentos sociais. Com língua não é diferente; tudo muda e é preciso acompanhar sua evolução. Por esse motivo, fugir à padronização de estilos nos estudos textuais e buscar a diversidade tem sido uma tendência cada vez mais crescente nas pesquisas científicas, pois os textos humorísticos, ao lado dos demais gêneros textuais, ocupam hoje uma posição de

destaque e atenção por parte dos pesquisadores, e são explorados pelos leitores dos mais diversos níveis e classes sociais.

Tal fato pode ser explicado pela realidade social de transformações instantâneas, que geram a escassez de tempo para leituras mais exigentes e mais complexas que requeiram maior disponibilidade de tempo e atenção, além da necessidade de extravasar o cansaço e o estresse gerados pelas exaustivas jornadas de trabalho, pelo acúmulo de informações, pela necessidade de acompanhar as evoluções tecnológicas, exigindo que o homem contemporâneo busque métodos alternativos para aliviar essas tensões modernas, colocando os textos humorísticos na preferência dos leitores como forma de relaxamento e até mesmo como um instrumento para ironizar os problemas cotidianos. Devido a esse turbilhão de informações e pela instantaneidade dos acontecimentos, as pessoas têm menos tempo que lhes permita parar e ler jornais, notícias extensas ou editoriais, fazendo com que se voltem aos textos curtos e de cunho humorístico, os quais além de transmitir um retrato social, fazem com que as pessoas relaxem, se distraiam e amenizem o estresse do dia a dia.

O espaço que o humor tem alcançado em diversos segmentos é notável, sendo explorado de diferentes maneiras, e aumentando consideravelmente os programas humorísticos na televisão, no rádio, na internet, aplicativos para celulares, peças teatrais, e muitos outros. De acordo com Minois (2003), vivemos em uma “sociedade humorística”. Dentre a infinidade de recursos humorísticos, destacamos as piadas, objeto deste estudo, que recentemente têm conquistado uma grande aprovação da sociedade, pois elas transitam pelos mais variados universos sociais, perpassam as diversas faixas etárias e são reproduzidas tanto por crianças recém iniciadas no discurso como pelos mais experientes dos anciãos de distintos níveis de escolaridade e/ou classe social.

As piadas não são apenas um gênero textual de entretenimento, mas se tornaram um meio de interação social e são repetidas e recontadas nas rodas de amigos, nas festas, nas reuniões de negócios e até mesmo em momentos mais trágicos, como velórios, por exemplo, momentos em que elas se apresentam como um instrumento de fuga da dor e da situação de desconforto. As pessoas recorrem às piadas como um mecanismo para amenizar o jugo cotidiano do trabalho, das dificuldades e como representação das situações de caos enfrentadas constantemente pelos diferentes grupos de pessoas, sejam em áreas urbanas ou rurais, em catástrofes naturais ou provocadas pelo descaso ou irresponsabilidade dos governos etc. As piadas são interessantes porque, de certa forma, as pessoas se veem representadas

nelas, já que geralmente elas tratam de temas conhecidos, fatos do dia a dia ou abordam temas que gravitam entre o paradoxo do proibido, porém desejável, aquilo que todos querem ou necessitam compartilhar e, no entanto, devido a censuras morais, acabam abstando-se de mencioná-lo.

Se a sociedade evolui, suas instituições também sofrem o reflexo dessas mudanças. Assim, o ambiente familiar e o escolar passam a incorporar essas mudanças e necessitam acompanhar os demais segmentos sociais. Por esse motivo, surge a necessidade de criar mecanismos em sala de aula que sejam condizentes com a realidade extraclasse. Se o professor ou a escola não estiverem atentos ao processo evolutivo social, provavelmente suas práticas não surtirão efeito na vida dos estudantes ou terão, no mínimo, experiências que podem não oferecer os resultados esperados no aprendizado escolar, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa.

Com base nessa realidade, o objetivo deste trabalho é justamente apresentar uma proposta aos colegas professores, principalmente àqueles que trabalham, diretamente, com a produção de textos em sala de aula, que possa se tornar um atrativo aos alunos, que lhes seja familiar, uma vez que as piadas, por exemplo, são discursos que circulam nos mais diversos ambientes, tanto familiares, de trabalho, escolar e outros. Assim, fica mais fácil ao aluno se identificar com esse tipo de texto e tornar-se mais participativo, ter maior facilidade em assimilar os conteúdos ministrados na escola, além de ter os conhecimentos pedagógicos e gramaticais trabalhados nesses textos com responsabilidade e intensidade, como em quaisquer outros gêneros textuais.

Embora existam outros trabalhos nessa área, a proposta de desenvolver esta pesquisa, deu-se pela relevância e riqueza do tema, sobre o qual ainda se tem muito a explorar e, pode contribuir de forma significativa ao processo de ensino-aprendizagem, desde que seja adequado à realidade escolar na qual o educador está inserido. É importante frisar que este trabalho não tem como objetivo tratar o humor de forma ideológica, sociológica, filosófica ou psicológica, que geralmente são as vertentes mais comuns encontradas quando se trata desse tipo de tema, mas sim, relacionar a importância e a aplicação do humor à educação, ao ensino aprendizagem, com um enfoque linguístico.

A pesquisa está pautada em uma experiência *in loco*, por meio de aplicação, análise e exploração dos textos humorísticos, mais especificamente as piadas, no intuito de avaliar se

esses textos apresentavam relevância no ensino de gramática e se poderia servir de material didático pedagógico para as aulas de Língua Portuguesa.

O trabalho foi desenvolvido em duas turmas do Ensino Médio, 2º anos D e E, da Escola Etalívio Pereira Martins, em Rio Brillhante-MS, nas aulas de Língua Portuguesa, do quarto bimestre do ano letivo de 2014. A metodologia utilizada para o seu desenvolvimento foi a pré-seleção dos textos, feita pelo professor e pelos alunos. Foi solicitado que eles levassem textos (piadas) à sala de aula, sem critérios ou tema pré-determinado. Após a seleção dos textos, o segundo momento se constituiu da discussão com os alunos sobre os motivos que os levaram a escolher aquelas piadas, explicação do conceito de texto humorístico, sua composição, suas particularidades e estrutura. E, por último, a análise das piadas.

O momento das análises foi o mais proveitoso, mais participativo e mais prazeroso. A intenção era justamente verificar se seria possível despertar maior interesse dos estudantes em relação às aulas de LP, avaliando se o estudo dos textos humorísticos poderiam ser um tornar as aulas mais interessantes e atrativas. O intuito não era apenas ou simplesmente tornar as aulas mais atrativas, mas buscar, com o estudo desses textos, uma prática pedagógica com maior participação dos alunos, uma vez que ao se trabalhar com textos menos formais, as aulas poderiam se tornar mais naturais e autênticas. Os próprios alunos participariam diretamente do processo de elaboração/constituição da aula, trazendo exemplos de piadas que conhecessem, relatando-as oralmente aos colegas, e permitindo que o professor pudesse avaliar suas competências linguísticas, suas particularidades comunicativas, no ato de fala espontâneo e natural, no qual o falante, segundo Tarallo (2007), se expressa com naturalidade, preocupando-se com o que vai dizer e não, como vai dizer.

A pesquisa se justifica pela necessidade de buscar mecanismos que possam incentivar os alunos a se interessarem pela sala de aula, pelo ensino de língua portuguesa, sua permanência na escola, e que tais práticas possam refletir diretamente na melhoria do ensino e na diminuição da evasão escolar ou da aversão dos estudantes pelas aulas de língua ou produção de textos. Essa aversão pelas aulas de LP foi uma resposta dos próprios alunos, pois, na primeira aula do semestre, em uma pesquisa informal, foi possível constatar que quase 80% dos alunos responderam que “não gostam de estudar língua portuguesa”, ou “que a disciplina é muito difícil” ou que “as aulas são *chatas*”, pelo menos da forma como são ministradas. O motivo principal para a escolha desse tema foi a realidade de que os jovens e

adolescentes (e até mesmo as crianças) estão cada vez mais fascinados pelos atrativos midiáticos, pelas novas tecnologias, pelo universo mágico e fantástico que despontam cada vez mais acessíveis por meio de aplicativos em celulares e outros aparelhos que permitem e instigam as pessoas a se manterem *online* o tempo todo, e isso remete à ideia de que outras práticas que não estejam ligadas diretamente às tecnologias pós-modernas se tornam menos atrativas.

Outra vantagem de se trabalhar piadas em sala de aula está no fato de que são textos mais curtos e de fácil acesso, são familiares aos alunos e oferecem, além do conteúdo ideológico, uma grande riqueza de conteúdo gramatical e linguístico. As piadas são textos que transitam pelos mais variados ambientes e níveis sociais, o que torna sua compreensão e aceitação mais fáceis pela turma, além de tornar as aulas mais dinâmicas e participativas. Essa participação dos alunos no relato das piadas, que inicialmente pode ser feito de forma oral, aproveitando o caráter dinâmico da língua, é um meio de identificar as variações que ocorrem na fala espontânea, na qual o falante não se preocupa com o modo de se dizer algo, mas sim com o que vai dizer, ou seja, optando por várias possibilidades de se dizer a mesma coisa de forma diferente (TARALLO, 2007).

Se confirmada a hipótese sobre a relevância do texto para o ensino de língua portuguesa em sala de aula, certamente as piadas poderão ser trabalhadas na escola de forma natural, dependendo apenas do cuidado do professor em saber selecionar os textos de forma adequada, adaptando a sua linguagem e conteúdo à faixa etária, às particularidades da turma e a outros requisitos de acordo com o contexto em que ele for trabalhar. Além disso, as piadas são encontradas abundantemente nos diversos ambientes sociais, são de fácil acesso, possuem vários formatos e podem ser trabalhadas em forma de vídeos, de áudio, de animações e outras maneiras que possam atrair a atenção do aluno e ajudá-lo a compreender o conteúdo linguístico presente nesses textos.

Se um professor trabalhar as piadas, por exemplo, em turmas do Ensino Fundamental, ele poderá utilizar textos ilustrados, animações ou montagens que possam atrair a atenção dos alunos, que, seduzidos pelos elementos visuais presentes no texto, serão, logo em seguida, direcionados para o texto verbal, que é o elemento principal a ser trabalhado pelo professor, no qual serão analisados os elementos linguísticos/sociolinguísticos presentes nas piadas. Essa pode ser uma boa estratégia para incentivar os alunos a lerem mais, ao estudarem os textos

humorísticos, e até mesmo despertar o gosto e o hábito por outros tipos de leituras, ampliando suas competências e facilitando o aprendizado de LP.

Para uma melhor visualização dos dados trabalhados, este relato dos resultados da pesquisa está dividido em uma introdução e três capítulos. Na parte introdutória, encontra-se uma reflexão e apresentação sucintas sobre a importância do estudo dos textos humorísticos, a justificativa da pesquisa, os objetivos e a metodologia utilizada neste trabalho. O primeiro capítulo traça um breve histórico da língua, Linguística, Linguística Histórica e Sociolinguística, bem como uma síntese das muitas facetas do humor, destacando seus pontos principais, já que não se trata, como mencionado, de um estudo aprofundado sobre o humor.

O segundo capítulo trata da importância dos textos humorísticos em sala de aula e sua contribuição para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, trazendo, à luz de alguns teóricos, a realidade da educação brasileira e o papel do professor frente ao desafio cada vez mais árduo de ensinar e aprender com seus alunos. E, por fim, o terceiro capítulo apresenta as análises dos resultados da pesquisa em sala de aula, confirmando as hipóteses e os objetivos esperados com este trabalho. Seguem-se as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO I – VISITA À HISTÓRIA DA LÍNGUA E REVELAÇÃO DAS MUITAS FACETAS DO HUMOR

1.1 Uma breve reflexão sobre a língua

Em qualquer parte do mundo, nos recantos mais remotos e nos lugares mais inóspitos ou desconhecidos, onde quer que exista um povo, um grupo ou uma comunidade de pessoas, há sempre uma forma ou um código de comunicação entre os indivíduos, uma vez que esse fato é vital, inegável/inerente ao homem. Para tanto, a mais eficaz forma de se comunicar está expressa e impressa na língua ou nas linguagens desenvolvidas ao longo dos séculos, por meio das quais os grupos vão criando suas identidades comunicativas e seus próprios instrumentos para possibilitar a interação entre si e com os demais grupos integrantes de determinada sociedade. Uma língua, muito mais que um conjunto de signos vocais, sons, letras, fonemas, representações fonéticas ou gráficas, representa um meio de identificação e de comunicação de um grupo social ou comunidade. Portanto, pode-se dizer que os estudos linguísticos têm como fundamento esse processo comunicativo, analisando e considerando todos os processos evolutivos pelos quais passa a linguagem ao longo do tempo.

Ao conjunto de elementos comunicativos, signos e vocábulos, dá-se o nome de língua, um sistema composto de forma ordenada e organizada, com pontos comuns entre si, permitindo aos seus usuários que identifiquem seus códigos e se identifiquem por meio da linguagem e do uso da língua. No entanto, apesar de haver uma coerência e um conjunto de parâmetros comuns dentro de um sistema linguístico, garantindo sua uniformidade, tornando o sistema padronizado, há também uma flexibilidade na maneira de se utilizar a linguagem, possibilitando ao falante optar por formas diferentes do uso da língua, desde que estas não comprometam o seu objetivo maior que é estabelecer a comunicação e a interação entre as pessoas que se utilizam desse código linguístico (MARTELOTTA, 2009).

A língua, portanto, passa a ser um dos elementos mais importantes nas relações entre os povos ou grupos e na preservação e afirmação de sua identidade sócio-cultural. É importante ressaltar que existem inúmeros fatores que são determinantes na constituição da

identidade de um povo, como aspectos físicos, culinários, religiosos, ideológicos e outros, todos eles compoem a cultura desse povo, mas a língua torna-se um grande instrumento de identificação e ao mesmo tempo de preservação dos demais elementos, pois é por meio dela que se transmitem os conhecimentos de uma comunidade, sua história, seus costumes, suas tradições e suas crenças.

Falar da questão identitária nos dias de hoje não se torna apenas um desafio mas também uma responsabilidade muito grande, uma vez que assim como o homem evolui, tudo se transforma e os conceitos também. As nomenclaturas, as teorias e tudo aquilo que está posto como cânone social de repente é substituído por algo novo e novas ideias se solidificam, fazendo-nos refletir e acompanhar tais inovações.

Assim a questão da identidade na pós-modernidade se tornou um emaranhado de conceitos que muitas vezes se torna algo tão complexo até mesmo para os grandes estudiosos desse tema. A Identidade apresenta uma definição ampla e delicada para ser conceituada simploriamente, e apenas um estudo mais aprofundado pode levar a uma definição mais próxima daquilo que realmente se entende por identidade; ela está intrinsecamente ligada à cultura, que também é um conceito complexo, já que envolve diversas questões que identificam um grupo ou comunidade. Cultura e identidade parecem caminhar juntas.

De acordo com os estudos identitários, principalmente tomando por base os conceitos de Stuart Hall (2002), existem três tipos de sujeitos: o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O primeiro deles, o sujeito iluminista, estava firmado ou solidificado na concepção de um ser centrado, unificado, provido de capacidades autossuficientes de razão, consciência e ação, constituindo o seu núcleo interior que emergia com o sujeito no ato de seu nascimento, desenvolvendo-se ao longo de sua vida e permanecendo idêntico durante toda existência. Nesse caso, havia uma identidade fixa e imutável. Além dessa ideia, havia também outra questão: a identidade era do homem, literalmente, por se tratar de um sujeito exclusivamente masculino dentro do conceito iluminista. Era um período no qual o homem (masculino) era o detentor das regras e dos ditames sociais, determinando também o tipo de sujeito que representaria a identidade naquele momento.

O sujeito sociológico, ao contrário, era visto e analisado a partir de um conceito de interação, isto é, o indivíduo constituiria sua identidade pela relação com o meio externo, com o meio social e o complementar com suas características interiores, ou seja, possuía um núcleo interior que não era autônomo, mas dependente da interação social. Dessa forma, a

identidade só se poderia justificar por essa relação com o meio social ao qual o indivíduo pertencia. Nesse tipo de sujeito, a identidade se dá pela complementação entre espaço interior e exterior, ou seja, um completa o outro, e um não existe independentemente, a realidade pessoal depende da social e ambas são indispensáveis e necessárias para a existência e formação desse tipo de sujeito.

Por último, e o que mais nos interessa, ainda de acordo com Hall, encontramos o sujeito pós-moderno, um produto de todo esse processo evolutivo social instantâneo e conturbado, no qual as realidades se transformam de maneira imediata e dinâmica, alterando constantemente aquilo que antes representava solidez social. Tudo vai se reconstruindo, se complementando e se fragmentando, o que caracteriza exatamente o sujeito pós-moderno, ou seja, a fragmentação. Esse sujeito é fragmentado porque não se constitui de identidades fixas e unas, mas, como um mosaico, se compõe de partículas identitárias, muitas delas até mesmo contraditórias, pois o sujeito assume identidades diferentes em contextos diferentes. Um indivíduo age de acordo com o contexto no qual se insere e pode assumir diversas roupagens ou características de acordo com a necessidade social e contextual.

Dentre tantas concepções de identidade e de sujeitos, ao analisarmos o terceiro conceito de sujeito de Hall, a ideia de fragmentação e ao mesmo tempo da junção desses fragmentos que o compõem, pode-se dizer que essa concepção condiz com a essência da sociolinguística, uma vez que esta considera a língua como o produto da junção do social com o individual, do singular unido ao coletivo, um agindo sobre o outro e complementando-se. Considerando que todo ato de fala é um ato de identidade, e que o indivíduo pode optar por estilos ou maneiras diferentes de falar, tendo em vista o contexto comunicacional, logo, a identidade linguística também não é fixa e arbitrária, mas se adequa às diversas necessidades e realidades do falante. Portanto, assim como o sujeito pós-moderno pode revestir-se da roupagem que mais lhe aprouver, de acordo com a situação em que se encontra, o falante também pode optar pela maneira como quer se comunicar, sem nenhuma arbitrariedade.

Então, a língua passa a servir como um meio para se analisar e compreender um povo ou uma nação. É por meio dela que vão se perpetuando os costumes, preservando a história, repassando os feitos e, principalmente, mantendo as tradições. É pela língua que se identifica um povo, tornando-se possível entender as questões identitárias de cada grupo. Cada cultura possui suas particularidades em relação às vestimentas, alimentação, religiosidade, política, mas a língua é o fator que une todos esses elementos, e é o nosso bem mais precioso, pois sem

ela não seria possível a continuação de uma cultura. Essa perpetuação se dá pela troca de experiências entre os indivíduos de uma determinada comunidade que vão, de forma lenta e gradativa, muitas vezes até imperceptível, moldando ou mudando a sua linguagem e cristalizando novas expressões e vocábulos (CÂMARA JR, 1975).

1.2 A Linguística

A *Linguística* a ciência que estuda a língua nas suas mais variadas modalidades. Essa ciência é formalmente recente, uma vez que só passou a ser reconhecida como tal a partir do início do século XX, por meio dos estudos de Ferdinand Saussure, professor da Universidade de Genebra, na Suíça, que apresentou trabalhos e teorias que culminaram no surgimento da teoria linguística, dando novos rumos aos estudos da língua e suas peculiaridades. Suas conferências e palestras ministradas em um curso foram compiladas por seus discípulos e oficializadas em uma obra chamada *Curso de Linguística Geral*, tornando-se o marco para essa ciência, pois até então a linguística não tinha autonomia e se submetia a outras áreas de estudos, como a Lógica, a Retórica, a História ou a Crítica Literária.

De acordo com o próprio Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (1989), a Linguística passou por vários estágios até se tornar autônoma, desde a antiguidade clássica até os linguistas modernos, transitando pela *Gramática*, estudo inaugurado pelos gregos, pela *Filologia*, e por outras áreas, até se constituir como a ciência que estuda a linguagem humana.

Ao conceber a língua como um produto social, percebe-se que esta não é estática, já que a utilizamos como mecanismo de interação e comunicação entre as pessoas de um determinado grupo social, pois, como afirma Monteiro (2008, p. 16), a língua não é simplesmente um veículo apenas para transmitir informações, mas um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas. É exatamente essa necessidade comunicativa de estabelecer relações no interior de um grupo de falantes ou entre grupos distintos que faz com que a língua se altere e se adapte, para atender às necessidades dos falantes no momento da comunicação linguística.

Entretanto, embora haja um conjunto de normas que a rege e parâmetros pré-determinados que a tornem comum, a língua sofre influência individual das pessoas que a falam e do grupo social, o que pode provocar mudanças ao longo do tempo. Lembrando que essas mudanças se dão por meio de um processo lento e sistemático que não pode ser ignorado, pois segundo Bueno e Sampaio (2009), faz parte de um movimento natural e

comum das línguas vivas e em constante processo de variação e mudança. Às vezes, um vocábulo, expressão ou até mesmo determinado estilo de comunicação demoram muito tempo para se consolidar no pensamento ou no sistema coletivo, até se cristalizar e incorporar-se no falar de uma comunidade de falantes, pois o processo de evolução e transformação da língua é variado, dependendo de inúmeros fatores, sejam linguísticos ou sociais, que podem acelerá-lo ou retardá-lo.

Um importante exemplo desse processo é o papel do latim vulgar, uma importantíssima base para os estudos do processo evolutivo das línguas latinas; essa variante do latim não possuía escrita, era uma língua falada pelas diversas classes sociais romanas e servia como instrumento de intercâmbio, de relações comerciais e políticas entre os povos romanos e bárbaros, cujos hábitos e características culturais, religiosas e linguísticas eram de grande disparidade. Isso explica o choque que a língua sofria ao entrar em contato com o falar dos bárbaros. É importante lembrar ainda que, embora o latim fosse língua dominante, preservando sua autonomia sobre as demais, era impossível anular, totalmente, as línguas dominadas e o substrato resultava na diversificação do latim, pois como o processo de expansão era lento, as mudanças ocorriam em tempos e espaços diferentes, ocasionando vários produtos e transformações em contextos distintos de uso da língua latina.

Toda a dinâmica variacionista citada tem pertinência porque por meio dela é possível entender como surgem as variações atuais, e como em uma mesma comunidade linguística e em um mesmo sistema acontecem transformações tão significativas. É por meio desse contato entre as pessoas, essa troca de experiências, de relações e de conhecimento entre os indivíduos que vão surgindo as alterações. Pois cada falante traz consigo seu repertório próprio, com suas peculiaridades, o qual, confrontado com o repertório coletivo resulta em diferenças, as chamadas variações. Essas variações fazem da língua um instrumento ímpar na definição da identidade sócio-cultural do falante.

1.3 Linguística Histórica

A linguística histórica é um ramo da linguística que se ocupa, de acordo com Faraco (2005), das transformações e das mudanças por que passam as línguas com o decorrer do tempo. Ela pesquisa e identifica a origem das línguas. Através do método de comparações, foi possível estabelecer uma língua - mãe, o indo-europeu, que seria o tronco linguístico ou protolíngua de um grupo de línguas da Europa e da Ásia. Esse mesmo método aplicado às

línguas românicas estabeleceu como origem comum dessas línguas uma protolíngua, denominada latim vulgar.

Porém, mesmo tendo essa língua tronco como aspecto norteador ou como base, as línguas dela provenientes não são um produto fixo e determinantemente uniforme, mas se alteram com frequência, tornando essa dinâmica o objeto central de estudo da linguística histórica. Este conceito fica claro na afirmação de Câmara Jr. (1989, p. 39):

A Língua aparece, pois, como instituição dinâmica em movimento temporal incessante. E a tarefa exclusiva geral ficou sendo, durante muito tempo, a de elaborar, concatenar, aprofundar e comprovar as linhas diretrizes que regulam esse movimento.

É evidente que essas mudanças não ocorrem de maneira brusca e imediata, mas acontecem lentamente, além de alcançar sempre uma parte de um sistema e não um sistema linguístico por completo, e isso faz com que se tenha sempre a impressão da característica estática da língua, uma vez que as mudanças são percebidas muito vagarosamente. Há casos em que os próprios falantes não se dão conta de que estão usando uma nova maneira de dizer algo e/ou que estão alterando a forma de dizê-lo, e vão reproduzindo esse fenômeno de forma repetitiva e induzindo ao seu uso, ainda que inconscientemente, até chegar ao ponto de fixar esse vocábulo ou expressão em seu repertório oral, o que pode ser transportado mais tarde para a escrita. Assim, os falantes de uma determinada língua, exercem aspectos diferentes dos demais, haja vista que nenhum falar é do mesmo modo que o outro, o que caracteriza as variações existentes no português falado no Brasil.

Tendo em vista que a língua está presente na vida do homem e precisa ser compreendida e analisada, tornou-se necessário seu estudo sistemático, o que impulsionou o surgimento da *Linguística*, isto é, o estudo de tudo aquilo que se refere às linguagens humanas em todas as suas modalidades. É assim que a Linguística surge como ciência. Tendo em vista que a língua representa uma determinada comunidade de falantes, e sua perpetuação só ocorre mediante sua utilização pelos indivíduos, que a aplicam de acordo com suas necessidades e a transformam ou aperfeiçoam ao longo da história conforme sua própria evolução, então esta passa a ser um produto social, isto é, depende do contexto comunicativo e da realidade de seus falantes (COUTINHO, 1979).

1.4 A Sociolinguística

Se Saussure sistematizou o estudo da língua, estabelecendo a Linguística como ciência que estuda suas particularidades, surgimento, transformações e desaparecimento, o que representou um grande avanço para a área dos estudos de linguagens, percebeu-se, no entanto, que a língua não podia ser tratada como um produto isolado do contexto social, da identidade do falante e/ou dos grupos que a utilizam, como afirma Coutinho (1979), a língua passa a ser um produto social, isto é, depende do contexto comunicativo e da realidade de seus falantes, havendo uma relação importante e indissolúvel entre língua e sociedade, uma verdade já comprovada pelo próprio Labov (2008). Se considerarmos que o homem está em constante evolução, que a sociedade evolui e que a língua acompanha essas mudanças, por ser determinada por seus falantes, fica evidente que ela não pode permanecer imune às alterações determinadas por diferentes fatores.

Com base no caráter mutante da língua, surge então uma nova linha de estudos linguísticos, chamada de *Sociolinguística*, corrente que trata das variações e contextualização da língua no seio das comunidades de falantes, envolvendo e analisando todas as alterações e adequações ao longo de sua evolução. A sociolinguística é uma subárea da Linguística, que estuda a língua em sua aplicação prática pelas comunidades de falantes. São muitas as áreas pelas quais ela se interessa, como o contato com as línguas, tudo o que se refere ao surgimento, o desaparecimento de fenômenos linguísticos, as variações e mudanças que ocorrem na(s) língua(s), a heterogeneidade linguística em geral.

É importante não confundir a diversidade ou heterogeneidade com multilinguismo, sendo que este último se dá quando numa mesma região geográfica, territorial, se falam várias línguas, como é o caso das línguas indígenas no Brasil, ou as centenas de dialetos falados na África e Índia, enquanto que por heterogeneidade se entendem as diferenças de fala dentro do mesmo sistema linguístico, ou seja, formas diferentes de usar a mesma língua, (TARALLO, 2007). A sociolinguística se apresenta na fronteira ou limite entre língua e sociedade, focalizando, principalmente, a heterogeneidade dos empregos linguísticos.

Ao falar em heterogeneidade linguística, nos referimos à realidade de que uma língua nunca é uniforme, já que se trata da junção do individual com o social, sofrendo a influência permanente do falante e do contexto no qual está inserido. Apesar de haver um parâmetro a ser seguido, um conjunto de normas sistematizado, é o falante quem determina como quer utilizar a linguagem. É ele quem opta por um determinado estilo, de acordo com o contexto e

também de acordo com sua própria experiência pessoal, como salientam Mollica e Braga (2003, p. 86):

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem, semanticamente, no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. O português falado no Brasil está repleto de exemplos.

São muitos os fatores que podem determinar as variações, como as diferenças de ambientes (por exemplo, o contexto rural e urbano), graus de isolamento de determinados grupos, ambiente de trabalho, ambiente familiar, contextos diversos que fazem com que pessoas de um mesmo sistema linguístico falem de maneira diferente e essas formas podem variar de acordo com a situação em que ocorre a fala. Uma importante função e característica da sociolinguística é combater os estigmas e preconceitos linguísticos. Ao contrário da metodologia maniqueísta de considerar apenas o *certo/errado* tão disseminado em muitos sistemas de ensino, essa ciência valoriza e analisa cada tipo de manifestação da fala e da língua dando a cada um deles o real valor que lhes cabe, sem acusar um ou outro de correto ou incorreto, mas apenas considerando suas ocorrências e avaliando até que ponto podem influenciar uma determinada comunidade de falantes.

Reportamo-nos aqui à heterogeneidade linguística por ser este trabalho voltado para um estudo sociolinguístico, isto é, por ter como foco a relação que há entre a língua e a sociedade e sua relação com o ensino aprendizagem. É importante porque o foco da pesquisa está nos textos humorísticos, mais especificamente nas piadas, cujas versões vão sendo reproduzidas nos diferentes ambientes sociais, em casa, na escola, nas rodas de amigos, nos jogos, nos passeios e até em ambientes menos prováveis ou que exijam maior formalidade, como algumas cerimônias ou velórios, entre outros. Sendo assim, as piadas passam a se constituírem objetos pertencentes a essa área de estudo, pois embora haja um texto padrão, um roteiro a ser seguido, uma piada é recontada e repassada aos interlocutores de forma diferente de acordo com o narrador, o ambiente no qual é reproduzida, o clima e o contexto situacional, e até mesmo o objetivo da narração desse texto, ou seja, o ato de reprodução de uma piada pode ser retratado como um produto sociolinguístico.

Assim, a língua não pode, como há muito tempo se pensou e defendeu, ser tratada de maneira separada do contexto social e dos grupos de falantes que a executam e a utilizam

como instrumento de comunicação. Diante do exposto, é possível afirmar que as variações na língua podem ser influenciadas por variáveis internas ou externas ao sistema linguístico, isto é, por variáveis ligadas, diretamente ao falante e/ou grupo a que ele pertence, à situação de comunicação verbal ou, simultaneamente, a ambas as situações descritas, pois já que a língua não é, simplesmente, um veículo para transmissão de informações, mas um meio para estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas, ela sofre a influência desse processo comunicativo, variando de acordo com as diferentes particularidades dos falantes e do contexto social no qual a comunicação ocorre (LABOV, 2008).

Dentro desse contexto, a diversidade linguística pode ser percebida sob variados aspectos, como, por exemplo, a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa. Isto significa que há vários fatores que influenciam os diferentes tipos de variações por que passam as línguas, e apenas um estudo mais aprofundado e específico pode detalhar tais fatores e identificar como ocorre cada um deles nas diferentes situações de uso da língua.

Portanto, ao nos referirmos ao conceito de comunidade, de coletividade, um dos principais fatores que determinam tal ideia é, justamente, a presença de uma linguagem comum. A linguagem, entendida não como um conceito puramente homogêneo, mas um sistema cujos pontos comuns são maiores que as diferenças, fazendo com que os indivíduos se entendam e se comuniquem com eficiência e torne possível que cada falante se identifique com o grupo ao qual pertence. Vale lembrar que o mesmo sistema linguístico, embora seja marcado por traços comuns, apresenta uma heterogeneidade marcante, já mencionada, determinada pelas diversidades de faixa etária, gênero, questões religiosas entre outros aspectos. Dessa forma, o indivíduo adquire a linguagem como o primeiro produto de sua comunidade. A linguagem é a primeira aquisição de uma criança, obtida em casa, com seus pais ou familiares, que vai se consolidando ao longo de seu crescimento, no convívio com os demais indivíduos, nos diversos segmentos sociais, como escola, igreja e outros, reafirmando o conceito de que a língua é um produto social.

Dessa forma, a sociolinguística está intrinsecamente ligada ao ensino-aprendizagem de línguas e à educação, pois tudo aquilo que produz nos demais ambientes sociais se reproduz na escola, um passa a ser reflexo do outro. Assim é com a língua, toda forma linguística que se utiliza em casa, ou qualquer outro ambiente, acaba sendo também transmitida no ambiente escolar. A escola, a sala de aula e os demais segmentos escolares

não são imunes aos fatores que se apresentam fora desses locais, isto é, os indivíduos trazem consigo um conjunto de características da fala e da utilização da língua, transferindo-as, por exemplo, para a sala de aula, cabendo ao educador saber filtrar e mostrar aos alunos como utilizar cada forma de acordo com o contexto conversacional. Como afirma Brandão (1981, p.7), ninguém pode fugir à educação, seja em casa, na rua, na igreja ou na escola, envolvemos pedaços da vida com o ato de educar, para ensinar, para aprender ou para ensinar e aprender. Ou seja, vida e educação são inseparáveis, se confundem e se mesclam com o cotidiano.

1.5 Os objetos de estudo da Linguística e da Sociolinguística

A linguística é uma área de estudo da linguagem, tanto do aspecto oral como escrito, que considera que a língua expressa e representa a cultura dos indivíduos que a utilizam como meio de comunicação. A sociolinguística, já mencionada anteriormente, é uma subárea da linguística que respeita, considera e valoriza as variações que se apresentam nas linguagens, uma vez que é comum ocorrerem alterações na pronúncia, nos aspectos lexicais da língua, com vocabulário diferente, e até mesmo na forma sintática, refletindo as diferenças socioculturais, como o nível de escolaridade, o gênero e a faixa etária do falante, pois são vários os aspectos que determinam as mudanças linguísticas, não se referindo apenas aos detalhes da gramática ou da estrutura gramatical, pois, conforme afirma Possenti (1996), as mais importantes diferenças entre os falares são muito mais de cunho social do que referentes a recursos puramente gramaticais.

Essa afirmativa de Possenti faz-se pertinente neste trabalho porque o intuito da pesquisa foi analisar as piadas, isto é, os textos humorísticos, que são comuns a todas as faixas etárias e a todos os níveis sociais. Crianças, adultos e idosos, ricos ou menos abastados, todos gostam de ler e partilhar, em algum momento, esses textos, reproduzindo, a seu modo, as piadas, que são utilizadas nos momentos de descontração, nas salas de espera dos consultórios, nas viagens enquanto o ônibus ou avião seguem seu trajeto, e assim por diante. Por esse motivo, as piadas são textos que se encaixam em todos os grupos sociais, pois, como já mencionado neste trabalho, por meio delas, os grupos riem de si mesmos ou de outrem. Dessa forma, é importante nos reportar à questão das diferenças linguístico-sociais, defendidas por Possenti, pois, certamente, cada grupo reproduzirá a mesma piada de forma estilística ou lexical diferente.

Quando nos referimos às variações linguísticas determinadas pelo gênero, percebe-se claramente que há uma diferença estilística entre homens e mulheres, que apresentam características próprias ao se expressarem. As mulheres, por exemplo, preferem o uso dos diminutivos em suas falas e os homens utilizam formas mais rústicas ou, marcadamente, mais incisivas. Os homens, apesar de não se preocuparem tanto, no falar cotidiano, pela forma considerada de prestígio, evitam utilizar formas ou expressões que deixem sua fala com características que possam ser consideradas “femininas”, isto é, uso de determinadas expressões, rebuscamentos ou até mesmo um estilo que demonstre fragilidade. Tudo isso é reflexo do machismo imperante ainda em nossa sociedade, pois, principalmente no universo das piadas, o estereótipo de mulher como ser inferior ainda é predominante e ainda prevalece o discurso machista, excludente e discriminante. Essa característica e essa divisão entre falares de homens e mulheres e, principalmente, a preocupação dos homens em manter uma imagem que garanta o papel do “macho” dominante, é reflexa de uma pressão social, uma vez que a sociedade cobra isso, embora, muitas vezes, de forma velada.

Ao nos referirmos ao fator gênero/sexo neste estudo não se trata de características físicas ou fonológicas, pois é sabido que, geralmente homens e mulheres se diferenciam na fala pelo tom, timbre e entonação. O foco, neste caso, está voltado para a escolha lexical e estilística. É importante lembrar que nas sociedades ocidentais as diferenças de léxico entre homens e mulheres são bem menos acentuadas, enquanto que em algumas culturas isso é marcante, havendo, segundo Mollica (2003), em algumas delas vocabulários específicos para ambos os gêneros.

De acordo com Paiva (*apud* MOLLICA, 1994), um dos primeiros estudos sobre a influência do gênero/sexo sobre as variações linguísticas que se tem referência foi realizado por Fischer (1958), que afirma a predominância da mulher na escolha por formas mais requintadas. As mulheres se preocupam com a beleza física, com o vestir, o andar, a estética como foco de valorização, o modo como se comportar em sociedade, e talvez isso possa refletir também no falar, levando-as a optar pelas formas linguísticas consideradas de prestígio, buscando aproximar-se mais da norma dita padrão.

É importante ressaltar que, ao falar em gênero, diferenças e particularidades, é preciso ter em mente a questão cultural. Na cultura ocidental, por exemplo, as lutas pelo nivelamento das diferenças estão em evidência e homens e mulheres já conseguem conviver harmoniosamente em muitas áreas sem distinções, entretanto, algumas culturas ou povos

ainda preservam um pensamento machista ou mais opressivo quanto ao gênero. Há lugares, em que as divisões entre papéis masculino e feminino são muito nítidas. No entanto, a prova desses avanços é a presença cada vez mais significativa de mulheres em espaços anteriormente considerados exclusivamente masculinos, como é o caso da vida militar, por exemplo.

Nos estudos realizados por Labov (2001), ele afirma de forma genérica que nas sociedades nas quais as mulheres têm maior expressividade e participação na vida pública, elas são mais propensas ao uso das formas denominadas de prestígio. Elas parecem se preocupar mais com a fala e com aquilo que devem dizer e como devem dizer. É importante lembrar também as influências dos chamados “tabus” linguísticos, ou seja, das expressões ou palavras que são consideradas inadequadas o seu uso por mulheres ou mesmo as próprias falantes hesitam em fazer uso de tais expressões, (PRETI, 2000).

Contudo, a sociolinguística trabalha, exatamente, no intuito de combater os estigmas sociais causados pelas diferentes formas de utilização da linguagem, demonstrando que, embora haja distinções, o mais importante é que as pessoas consigam se comunicar com eficiência, estabelecer relações sociais dentro do mesmo sistema linguístico.

O combate aos preconceitos linguísticos em sala de aula é fundamental, por isso é importante que os educadores estejam abertos a compreenderem e aceitarem que cada aluno que chega à escola traz consigo um repertório pré-definido, que não pode ser eliminado nem ao menos julgado, mas sim aproveitado, mostrando aos estudantes que existe também a variante padrão da língua, no intuito de levar o aluno a desenvolver a capacidade de optar por uma ou outra variante, de acordo a situação comunicativa. O primeiro contato com a língua é adquirido em casa, com os pais e familiares, que muitas vezes provém de uma cultura diferente, de um nível social ou faixa etária distintos, trazendo em seu repertório linguístico vocábulos ou estilos que não são tão comuns no falar geral da comunidade letrada. O professor deve estar atento e aberto a essas novas realidades para não cometer injustiças com seus alunos ou ato de discriminação, causando constrangimento ao educando.

Tudo isso se trata de um desafio ao educador, pois, ao mesmo tempo em que ele precisa respeitar e valorizar a realidade do aluno, precisa também trabalhar as competências linguísticas e teóricas exigidas ou propostas pela escola, pelos PCN e pelos Referenciais Curriculares. No entanto, é fundamental que o professor tenha cuidado para não provocar nenhum tipo de violência cultural em relação ao aluno, isto é, a tentativa de anulação total de

seus conhecimentos prévios culturais e a substituição destes por novos conhecimentos como única forma de prática linguística aceitável (POSSENTI, 1996). É importante salientar que, como o próprio Possenti afirma, não se trata de inutilizar ou anular a experiência linguística dos alunos ou proibir o seu uso, mas sim apresentar a eles também a considerada norma padrão, como uma nova modalidade.

Há alguns críticos que questionam, afinal, por que dar aulas de língua portuguesa aos falantes nativos de língua portuguesa? De acordo com Travaglia (2000), dentre os objetivos do ensino de LP, há quatro competências básicas que precisam ser contempladas e respondem a essa questão: primeiro, desenvolver a competência comunicativa, isto é, a capacidade de se empregar a língua adequada às diversas situações de comunicação; a segunda seria o domínio da norma padrão, além da variedade escrita; a terceira se refere a levar o aluno a conhecer a instituição que é a língua, sua constituição; e, por último, algo mais amplo, levar o aluno a pensar, raciocinar, podendo participar do processo de aprendizagem e ter capacidade de argumentar (TRAVAGLIA, 2000).

Negar esse ensino ou considerar que os alunos não possam aprender outra modalidade ou dominar as competências citadas, seria tachá-los de incapazes ou negar sua própria aptidão e condição de aprendizagem. Isso significa que qualquer pessoa, salvo por exceções fisiológicas ou mentais, tem condições de aprender algo novo. O mais importante é mostrar aos alunos a existência de mais de uma realidade e auxiliá-los a optar por uma ou outra modalidade, de acordo com a situação em que se encontram (POSSENTI, 1996). O domínio ou o acesso e conhecimento da norma padrão é mais um valor agregado ao repertório intelectual do aluno, além disso, certamente, há momentos e situações, na produção de um texto, em uma entrevista ou situações formais diversas, que a utilização dessa modalidade será não apenas necessária, mas indispensável na obtenção de determinados resultados positivos.

O desafio não está em deixar de ensinar a língua padrão, mas sim na maneira como se ensina essa língua, uma vez que os alunos já chegam à escola dominando a fala, conseguem estabelecer comunicação e apresentam o conhecimento mínimo para sua sobrevivência social. No entanto, o que se busca é o ensino das regras, da estruturação da língua e até mesmo do entendimento do funcionamento dessa língua, pois no ato comunicativo, na fala espontânea, isso se dá de forma automática, e realizamos esse processo sem nos atermos à seleção de um estilo, apenas nos comunicamos e nos damos por satisfeitos

se o processo comunicativo alcançar seu objetivo de estabelecer relação/interação com outras pessoas (MONTEIRO, 2008).

Sabe-se que há uma onda crescente e cada vez mais instantânea de evoluções tecnológicas, o avanço do rádio, a televisão, a internet, as mídias eletrônicas, o que facilita o surgimento de novos gêneros textuais. Esses novos gêneros, acompanhando a efemeridade das tendências, trazem consigo alterações nas formas estruturais, nos modos de se reproduzir a comunicação, enfim, nos meios de interação social. Muitas vezes, alguns textos perdem o grau de formalidade e passam para uma linguagem diferente, considerando seu contexto. No entanto, apesar da grande contribuição das tecnologias para o surgimento dos novos gêneros, o que realmente determina seu aparecimento é a intensidade no uso dessas tecnologias e sua interferência na comunicação diária, Marcuschi (*in*: DIONÍSIO, 2002).

Com base nessa realidade, o professor de língua portuguesa precisa estar atento ao fato de que o uso das tecnologias pelas crianças, jovens e adolescentes é cada vez mais intenso, e ele precisa buscar novos mecanismos para tornar as aulas de LP mais atrativas para os alunos, aproveitando essas tecnologias. O professor precisa tirar proveito dessa realidade e utilizá-la a favor do ensino aprendizagem, ao invés de simplesmente rechaçá-la. Ignorar esses elementos representa um retrocesso, pois seria negar a própria evolução e a percepção do ambiente mutável e dinâmico no qual vivemos. Infelizmente, muitos profissionais ainda preferem optar por uma prática mais antiga de ensino, e criam certa resistência aos novos gêneros textuais, que surgem e precisam ser adaptados e trabalhados em sala de aula, uma vez que o profissional necessita acompanhar a evolução e aplicá-la ao seu trabalho em sala de aula.

As piadas, por exemplo, são textos que circulam nos mais diversos ambientes, tanto familiares, de trabalho, escolar e outros. É bem possível que o aluno se identifique com esse tipo de relato e até se torne mais participativo, passe a ter maior facilidade em assimilar os conteúdos ministrados na escola, além de ter os conhecimentos pedagógicos e gramaticais trabalhados nesses textos com tanta responsabilidade e intensidade como em quaisquer outros gêneros.

Portanto, embora haja inúmeros e relevantes trabalhos a respeito desse tema, sempre é possível encontrar algo que possa contribuir para a prática escolar. Por isso, tomando por base o enfoque linguístico, procuramos constatar a hipótese de que as piadas podem ser um recurso atrativo para o ensino de língua e podem servir de mecanismo de aprendizado de Língua Portuguesa, sem comprometimento das competências linguísticas dos alunos.

Entretanto, faz-se pertinente e necessário um breve passeio pela história do humor, sua trajetória ao longo da história e sua atual concepção na sociedade da pós-moderna.

1.6 Uma breve reflexão acerca do riso

Na última década, o interesse pelo riso aumentou consideravelmente, e isso ocorreu em várias disciplinas e áreas do conhecimento. As produções referentes ao humor aumentaram significativamente, apareceram muitas novidades como publicações de artigos, livros, programas de rádio ou de televisão. Vivemos em uma sociedade em que a mídia recria seus modelos sociais baseados no humor, heróis cheios de malandragens, de comicidade e uma realidade na qual é proibido se levar tudo tão a sério. O humor está presente na publicidade, nas mídias e em quase todos os segmentos sociais (MINOIS, 2003).

Entretanto, falar de humor, do riso, do cômico não é tão simples quanto parece; é um assunto complexo, pois apesar de tantos estudos, ainda há muito a se desvendar sobre essa habilidade exclusivamente humana. O riso é um caso muito sério para ser tratado com comicidade (MINOIS, 2003). O humor é algo tão sério e tão complexo que não pode ser tratado com zombaria ou deixado para aqueles que não têm a capacidade de perceber sua importância. Diferentemente daquilo que está arraigado no senso comum, falar de humor não significa narrar anedotas ou fazer alguém rir aleatoriamente, nem levar um indivíduo a devaneios desconexos ou provocar gargalhadas e risos soltos, sem sentido e sem objetivo, mas trata-se, antes, de apresentar um tema, profundamente, complexo e essencial à vida humana. O humor vai muito além de meras situações de comicidade, constitui-se um produto ou um processo, cuja complexidade e profundidade podem revelar mistérios inimagináveis do ser humano.

Afinal, falar de ou fazer humor não se restringe a fazer alguém rir apenas, mas desenvolver a capacidade de perceber tudo aquilo que está, intrinsecamente, conectado ao texto/ discurso ou situação humorística. Consciente ou inconscientemente, por meio do humor, é possível acessar nossos maiores medos, traumas, barreiras, fracassos e todos os fantasmas ocultos em nosso interior, sem que isso nos aterrorize ou nos faça recuar diante deles. O humor tem a capacidade de nos fazer rir ou nos permite falar com tranquilidade daquilo que mais nos amedronta.

O humor é um tema tão abrangente que ocasionou um intercâmbio entre várias áreas do conhecimento humano, tornando-se um objeto interdisciplinar, pois é encontrado em

abundância na Literatura, visto com frequência nos fatos históricos, em vários momentos da história da humanidade, inclusive até em situações que exigiriam maior seriedade; estudado de forma profunda e consistente pela psicologia, cujo intuito é entender o riso e o humor, suas origens, benefícios e demais funções; e analisado de maneira filosófica, sociológica, entre outras. No entanto, o enfoque principal neste trabalho é o linguístico, ou seja, avaliar como os textos humorísticos podem servir de material de apoio ao ensino-aprendizagem em sala de aula.

Um fato curioso e interessante é que esse tema não se refere a algo recente, muito pelo contrário, é uma realidade inerente ao ser humano desde que ele existe e sempre o acompanhou ao longo de sua trajetória. Mesmo assim, atrai atenção para si, sempre despertando interesse por parte de estudiosos, pesquisadores, além de conquistar cada vez mais simpatia geral, em todos os segmentos sociais. Desde a antiguidade, na Grécia, até os dias atuais, uma infinidade de historiadores, filósofos, psicólogos e antropólogos têm se dedicado ao estudo do humor, na busca da compreensão do riso e suas particularidades. E, por incrível que pareça, mesmo que tanto se estude sobre ele, mais esse assunto permanece misterioso, pois o riso, provocado de formas distintas e com intuítos diversos, sempre foi uma incógnita para muitos estudiosos de diferentes culturas.

O primeiro vestígio de um registro sobre o estudo do riso se encontra, de acordo com pesquisadores, em um possível relato na segunda obra de Aristóteles, *Poética*, que se perdeu no tempo. Há muitas especulações sobre essa obra, porém nunca se soube ao certo se ela é real ou fictícia. Porém, mesmo nunca tendo sido encontrada e estudada, a teoria despertou polêmicas e ditou doutrinas sobre o riso por muito tempo, chegando a tornar-se um cânone sobre o humor. Em *O Nome da Rosa* (1989), o escritor Umberto Eco explora justamente essa questão, tendo como base um enredo que decorre da proibição da leitura dessa obra. A história se passa em um mosteiro da Idade Média, e a problemática reside na dualidade do pensamento da época. De um lado o monge bibliotecário Jorge de Burgos, que como a maioria dos cristãos e clérigos da época, vivia sob o pensamento medieval que recriminava o riso, tendo-o como algo pecaminoso e demoníaco, considerado uma ameaça aos princípios da Igreja, e segundo o clero, poderia levar a pessoa a questionar ou zombar do poder da Igreja; de outro lado, o monge franciscano Guilherme de Baskerville, acreditava que a obra de Aristóteles que tratava da comédia como um instrumento da verdade poderia estar escondida na biblioteca do mosteiro, sob os cuidados de Jorge. Seu objetivo era encontrar a obra que

havia muito se perdera ao longo da história e apresentá-la ao mundo, como uma prova de que o riso é próprio do homem, uma marca da racionalidade humana que pode ser benéfica quando usada com sabedoria.

A obra de Umberto Eco é uma forte crítica ao pensamento inquisidor sobre o riso e o humor, e isso fica evidente no enredo, pois na história que se passa no mosteiro, o bibliotecário, para manter o livro a salvo e evitar a disseminação do desejo de rir ou da “tentação” de rir, envenena as páginas do suposto livro para que curiosos que buscassem lê-lo às escondidas pagassem um alto preço: sua própria vida. Em sua concepção, um monge jamais deveria rir, pois o riso é algo demoníaco, que deforma as linhas do rosto do homem e o torna semelhante aos macacos (ECO, 1989). E assim aconteceram várias mortes no mosteiro, pois os monges, movidos pela curiosidade e a tentação de desvendar o que havia de tão especial naquelas páginas proibidas, acabavam se rendendo aos deleites da leitura da obra, embriagados pelos prazeres do riso e enquanto folheavam cada página, se envenenavam e sucumbiam diante do riso. Esse desfecho serve como reflexão, principalmente para questionarmos sobre o polêmico *status* do riso. Ou seja, era proibido rir; mas em nome da proibição do riso, era permitido matar quem o desejasse ou o buscasse? Afinal, seria esse o desfecho do riso: o final trágico da morte? Afinal, eis o grande desafio, reconhecer ou identificar as muitas faces do riso, ao longo da história. Em alguns momentos, sinônimo de morte; em outros, de vida; alguns de loucura, de debilidade, de fragilidade ou de tantos outros sentimentos quanto seja capaz de despertar no homem.

Inquestionável, na maioria das vezes, é o fato de que rir é uma das formas de conquistar o prazer. Rir, geralmente, é sinônimo de alegria, de felicidade, de êxtase, de loucura e, em alguns casos, de choque. Mas o curioso em tudo isso é desvendar qual a importância ou o fascínio que o riso provoca, por que o humor merece tanta atenção, tanto respeito e estudos dedicados a esse tema, questionamentos, suposições. Ideologias absurdas, como o pensamento medieval de que em nome dele se pode matar, mas não se pode rir. Talvez essa seja uma questão que permanecerá por muito tempo sem resposta, pois, embora muito se tenha estudado, os mistérios que cercam o humor ainda são infindáveis.

1.7 Da Grécia à pós-modernidade

O humor existe e persiste em acompanhar o ser humano desde os tempos mais remotos, independente da forma como era tratado e da visão que se tenha sobre este. É por

isso que desde a antiguidade clássica, passando pela Idade Média, Renascimento e até os dias atuais, o humor sempre ganhou destaque, ora positivo ou negativo, tendo sido objeto de estudos e discussão dos maiores pensadores, oradores, religiosos e filósofos em diferentes épocas, como Aristóteles, Platão, Tomás de Aquino, e tantos outros, cujas críticas contribuíram, de forma consistente, para a fundamentação daquilo que conhecemos hoje sobre as diversas facetas e concepções de humor.

Assim como acompanham o homem, o riso e o humor têm seu papel garantido também na Grécia, na mitologia grega. Quando nos referimos aos deuses do Olimpo, em meio ao panteão grego, todos eles tinham exatamente as mesmas reações e sentimentos que os homens tinham, eram “humanamente divinizados”, e dentre essas características, uma delas era o riso. Os deuses riam; riam dos homens, riam de si mesmos. Houve casos em que os próprios deuses pregavam peças em seus irmãos para se divertirem. De acordo com as mitologias, fica claro que os deuses riam por muitos motivos, inclusive por aqueles que eles mesmos protagonizavam (MINOIS, 2003).

Traçar uma trajetória completa do humor requereria um estudo aprofundado e específico para tal e por esse motivo, neste trabalho, são feitas algumas retomadas dos principais momentos da história em que o humor tem um papel de destaque. É o caso, por exemplo, do papel do humor na Idade Média. Esse período da história e da religião tão marcado pela censura, pelo senso de pecado, pelo domínio da Igreja e por um teocentrismo exagerado e ao mesmo tempo amedrontador, inclui também a questão do riso. O riso nesse período era visto como algo diabólico e profano. A Igreja via no riso uma forma de ameaça aos seus dogmas e a seu poder. Acreditava-se que através do riso o homem se libertava de seu temor ao diabo e se ele perdia o medo do demônio, automaticamente, poderia enfrentar o poder constituído da Igreja, pois o que sustentava o poder do clero era exatamente o medo que se disseminava do inferno, isto é, todo aquele que era contra a Igreja já estaria declaradamente do lado do diabo.

Na Idade Média, havia uma clara divisão da ocorrência do humor. O cômico se restringia a festas e recreações; havia celebrações que exaltavam o papel dos tolos, do ridículo, e a figura do bufão e do bobo da corte era presente e indispensável para contrapor aos cerimoniais sérios e formais. Ria-se dos reis e rainhas, ria-se dos campeões de torneios, ria-se de tudo e ria-se muito, mas tudo isso só era permitido nas celebrações e festividades,

nas quais, oficialmente se permitia zombar de tudo. Fora daí, permanecia o tom sério, amedrontador e cheio de censura (GIL, 2011).

Assim, o mundo viveu sob um período de completa repressão do riso, sob o jugo da inquisição e da seriedade. Apesar de admitir que o riso é próprio do homem, a Igreja argumentava que Jesus Cristo, o maior símbolo do cristianismo, não rira jamais, pois não há nenhuma referência bíblica que relate o Cristo rindo. Existe um paradoxo nesse pensamento medieval: o homem é o dono exclusivo do riso, como espécie, logo, é o animal superior; porém, é inferior às divindades, pois é mortal e, se o divino não ri (Jesus Cristo), o homem também não pode rir.

Assim, saindo do período medieval, passa-se para um novo momento da história, e encontramos nas afirmações de Freud uma nova concepção do riso e do humor. Como mencionado anteriormente, o humor, em todas as suas manifestações, acompanha o homem em todos os momentos de sua vida, servindo, às vezes, como instrumento de distração, de defesa (uma vez que em muitos casos usa-se o humor para disfarçar uma timidez ou o medo de uma situação/ambiente desconhecidos), pois, como afirmou Freud (1980), o humor é utilizado como um mecanismo de defesa, que impede a geração de desprazer através de fontes internas e pessoais. É utilizado também como instrumento de aceitação de um indivíduo em um determinado grupo ou contexto social estranho ao seu, pois recorre ao humor como uma forma de “quebrar o gelo” diante de pessoas não familiares ao seu convívio e conquistar-lhes a simpatia.

Para ele, o humor é algo libertador. O humor satisfaz o ego, alimenta o desejo de grandeza e a conquista de sua invulnerabilidade, pois o ego se recusa a sofrer por provocações da realidade. Assim, mais uma vez, o riso aparece como uma fuga e ao mesmo tempo uma autoafirmação, uma forma de maquiagem uma situação de flagelo e dor, pois não é a piada ou a zombaria que está em jogo e sim o fato de que por meio do humor é possível se ter a ideia de que é possível rir do mundo, fazer gracejo sobre qualquer situação e que a vida não passa de um jogo infantil. Isso se comprova na seguinte afirmação de Gil (2011, p.64) “Em suma, o humor é para Freud como o são, em outros níveis a neurose, a loucura, a embriaguez e o êxtase, um meio de defesa contra a dor. É também o triunfo do narcisismo no qual se afirma vitoriosamente a invulnerabilidade do eu”.

É por esse motivo que vale a pena estudar o riso, o efeito do humor na sociedade ou mesmo individualmente, pois surgem como instrumentos de total relevância em uma

sociedade que parece viver um caos de tanta velocidade, tanto física como psicológica. As pessoas vivem refém dos avanços tecnológicos, profissionais e tantos outros. Para isso, precisam se desdobrar e vencer suas próprias limitações ou desrespeitá-las para conseguir acompanhar a evolução e esse sentimento de efemeridade das coisas. Não que a evolução represente algo negativo, ao contrário é fundamental, o problema é como se reage diante do imediatismo e da fugacidade atual. Nesse caso, o que está em questão é como se reage diante desse imediatismo.

1.8 O espaço do humor na sociedade atual

O humor ganhou espaço em vários segmentos sociais, tornando-se objeto de destaque em seminários, convenções internacionais, nas quais se reuniram pesquisadores, cientistas, médicos, psicólogos, psiquiatras e tantos outros nomes da ciência e da intelectualidade. Entretanto, é muito recente a relação entre a língua ou a linguística e o humor, e raros foram os eventos, puramente linguísticos, realizados em favor do riso. Felizmente, apesar de recente, essa onda está ganhando cada vez mais relevância e nos últimos anos já é possível encontrar, na agenda dos eventos linguístico-científicos, espaço reservado para aqueles voltados exclusivamente, aos textos humorísticos (MINOIS, 2003).

O questionamento é inevitável sobre como esse tema ganhou força e por que está sendo tão apreciado em tantas áreas do conhecimento. Embora pareça existir um paradoxo sobre o riso, pois ao mesmo tempo em que temos a sensação de que ele está voltando com toda força, já que o encontramos em toda parte, por outro lado parece que rimos cada vez menos, o que pode ser explicado por essa realidade de trabalho excessivo, de acúmulo de informações, de “estresse moderno” e tantas outras situações que fazem com que o homem se torne cada vez menos sorridente e encare a vida de forma menos lúdica, embora o riso faça parte das respostas fundamentais do homem (MINOIS, 2003).

Portanto, na atual realidade em que vivemos, com uma imensa necessidade de encontrar uma válvula de escape às turbulências modernas às quais somos subjugados cotidianamente, pois vivemos em uma época conturbada, o humor surge, então, como esse elemento que poderá oferecer às pessoas uma maneira de fugir das tensões cotidianas.

Nas produções literárias ou cinematográficas, os heróis ganham uma nova imagem, ou seja, o herói sério e concentrado dá lugar ao tipo fanfarrão, malandro e engraçado, inclusive vencendo os vilões por meio de trapaças e levando os telespectadores às gargalhadas. Parece

que esse tipo de personagem se aproxima mais do público, ganhando maior simpatia e ao mesmo tempo identificando-se mais com aqueles que assistem e admiram. Transmite-se a ideia de que com humor torna-se mais fácil resolver questões complexas ou casos insolúveis, pois o humor é o único meio de nos fazer suportar a existência quando nenhuma outra explicação parece convincente (MINOIS, 2003).

Entretanto, uma das formas mais comuns de utilização do humor, hoje em dia, é como instrumento de fuga dos problemas cotidianos e situações de estresse, já que ele possui a capacidade de captar a fragilidade humana, seus conflitos, seu limite e seu sofrimento, agarrando as situações desagradáveis, tornando-se um ato espirituoso, por meio do qual o homem ri de si mesmo, ou do outro, e faz o outro rir, revelando suas contradições, suas falhas, suas imperfeições. Através do humor, todo poder constituído é zombado sem punição, as teorias perdem sua soberania, as religiões podem ser livremente criticadas e ridicularizadas, as ideologias mostram sua face frágil e nua. Portanto, quando rimos de alguém, pensamos que rimos do outro, mas na verdade, estamos rindo de nós mesmos (MINOIS, 2003).

Constata-se que vivemos em um mundo no qual para tudo se faz festa; a vida atual é uma eterna festa. As pessoas festejam tudo e não vivem sem essa prática. Como se sabe, no entanto, festa e riso são duas coisas intrínsecas e indissolúveis. Se há festa, há riso. Mas o riso está correndo um grande risco, o de ser comercializado. Ele está presente em tudo, estampado por toda parte, e ao mesmo tempo se tornou um produto de venda e é tão indispensável ao homem que ele já não vive sem rir. Na verdade o riso tornou-se o remédio antiestresse e é para isso, afirma-se, infalível. No entanto, alguns críticos ou até mesmo leigos afirmam que hoje se ri menos; o homem pós-moderno não ri. Na verdade, o que se tem não é a ausência do riso, não é a falência dele, mas sim a negociação que se faz com esse “produto”.

O riso se tornou motivo de comercialização e de negociação social; os políticos se valem do humor para suas campanhas; a política parece que está mais baseada na ironia e no sarcástico do que na seriedade de seu papel. Os sermões, os discursos em geral, o cinema, as propagandas, tudo parece recorrer ao riso como um mecanismo infalível para seu IBOPE. Os programas de humor na televisão, no rádio e na internet se multiplicam e ganham espaço na sociedade e até provocam muito riso. Porém, a diferença é que aquele riso solto, espontâneo, profundo e extenso, já não existe mais. Talvez pela correria do dia a dia, pela banalização das coisas, pelo “estresse” atual, o riso surge de maneira forçada e mecânica, curto e superficial, sem liberar de fato as substâncias cerebrais causadoras do êxtase e do relaxamento total.

Para Gil (2011), o riso não é uniforme e pode apresentar inúmeras facetas, ou pode surgir por vários motivos, representando não apenas momentos alegres e positivos, mas também pode ser sinônimo de algo mau ou perigoso. Assim como se pode chorar de alegria, tristeza, arrependimento, raiva, pode-se rir sobre diversos sentimentos. Há riso que expressa nervosismo, medo, timidez, neurose, riso por reflexo fisiológico, provocado mecânica ou automaticamente, riso sarcástico, irônico, debochado, desesperado, enfim, para quase tudo existe um tipo de riso. Assim, podem surgir vários tipos de humor, inclusive algo que vem sendo muito debatido é que no Brasil, por exemplo, existe um humor muito agressivo, um humor que pode ferir ou atacar. Talvez isso ajude a explicar o porquê da diminuição ou do aparente enfraquecimento do riso.

A autora cita Descartes que afirma ser o riso uma espécie de mistura entre alegria e ódio, ou seja, muitas vezes rimos do mal que ocorre com o outro. Por acharmos que o outro é digno e merecedor desse mal, isso nos provoca o riso. No entanto isso se refere a males menores, não tão significativos, pois do contrário ou teríamos que julgar o outro tão merecedor desse mal ou seríamos criaturas terrivelmente maléficas. Essa ideia parece se adequar às piadas, pois grande parte delas está voltada para temas que abordam justamente os problemas, “defeitos” e deficiências de determinados tipos sociais, como aparência física, etnia, profissão, nacionalidade e outros elementos considerados como defeituosos para o texto humorístico, ou melhor, no senso comum.

Entretanto, apesar de tantas teorias divergentes, o que não se pode negar é que o humor, mesmo superficial, está presente em tudo e como o próprio Minois (2003) cita em sua obra, o riso é usado até mesmo por aqueles que são zombados por ele. Mesmo aqueles que detêm o poder em suas mãos não veem no riso um instrumento ameaçador. Assim como o bobo da corte não ameaçava o poder da monarquia, apenas servia de entretenimento, e o próprio rei sentava-se para assistir aos espetáculos do bufão e ria de si mesmo, porque sabia que aquilo não abalaria sua fortaleza monárquica, já que estava fundamentado em um poder muito mais sólido incapaz de ser atingido por um simples “humorista”. Assim, todo poder que não aceita zombaria é um poder ameaçado e votado a desaparecer. Portanto, aos poderosos, permitir ou se render, de vez em quando, aos prazeres da zombaria é nada mais que uma estratégia de se manter em foco.

Outra afirmação importante pode ser analisada e talvez seja até polêmica: é que Freud fala sobre o prazer que as pessoas pouco instruídas possuem por expressões ou comentários

chulos, vulgares. Para ele o grau de instrução ou o fato de termos uma sociedade teoricamente mais civilizada ou que quer ser mais intelectualizada, com mais acesso à informação, isso pode inibir a ocorrência do riso. Pessoas cultas, por exemplo, certamente não diriam coisas desrespeitosas na frente de senhoras ou de autoridades, na verdade se preocupariam com o que falar até mesmo na ausência delas (GIL, 2011).

Portanto, com base nessa realidade da onipresença do riso é que se buscou analisar qual é o seu papel na escola, e comprovar ou refutar a hipótese da importância de trabalhar os textos humorísticos, mais especificamente as piadas em sala de aula, como um recurso que possa auxiliar o professor nas aulas de LP. As piadas, geralmente, são textos curtos, porém nem por isso deixam de ser textos menos importantes ou incompletos, ao contrário, são carregados de sentido, e além de ser possível trabalhar as competências linguísticas dos alunos, têm uma grande aceitação por parte deles. Ou seja, não se trata de pensar que somente a leitura de piadas baste para incentivá-los a ler, mas talvez esse possa ser um caminho para começar a habituar os jovens e adolescentes nas práticas de leitura de diversos textos e de diversos gêneros.

É o que afirma Marcuschi (*in*: DIONÍSIO, 2002), sobre a realidade da diversidade de gêneros existentes hoje; segundo ele, vale a pena ao menos absorver a ideia de que ao trabalhar essa diversidade de gêneros, isso seria mais propenso a dar conta de atender a proposta dos PCNs e que seria possível analisar tanto a escrita como a oralidade por meio do uso desses textos. Portanto, quando um professor se abre a novas práticas de ensino e aceita as propostas novas, no início, por não estar ainda habituado certamente será um desafio, porém, quanto maior for sua flexibilidade quanto à prática pedagógica, beneficiará seu próprio trabalho e poderá melhorar os resultados no ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO II – O TEXTO HUMORÍSTICO E SUA CONTRIBUIÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 A realidade do ensino e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem

Apesar dos grandes avanços e das melhorias conquistadas no que se refere à Educação, não se pode negar que ainda há um longo caminho a ser percorrido para chegarmos a uma educação de qualidade no Brasil. Os dados divulgados pela mídia, na maioria das vezes são quantitativos apenas, ficando em segundo plano ou até no esquecimento a questão qualitativa, que é o mais importante. Essa crise pode ser explicada pela realidade na qual viemos, um tempo no qual os valores e os parâmetros sociais têm se alterado, e algumas instituições, como a família e a escola perderam, ou ao menos, tiveram suas funções modificadas, pois se tornou difícil ao professor exercer sua função com eficiência, que já é uma árdua tarefa, e ao educando assimilar ou absorver o ensino, principalmente quando este é realizado de forma mais tradicional.

Talvez para alguns grupos mais conformistas, parece que os avanços até aqui obtidos são suficientes e não percebem que muito se distancia ainda da excelência. Aliando-se às necessidades estruturais na educação, há ainda um grupo de professores, que muitas vezes se recusa a acompanhar as mudanças e se esquece ou não aceita utilizar os atrativos que os alunos encontram fora da sala de aula ou até mesmo dentro dela, por meio dos recursos tecnológicos, aplicativos de celulares, redes sociais e outros, em favor do próprio processo de ensino-aprendizagem, pois, se bem utilizados, ao invés de dispersar a atenção dos alunos, poder-se-ia conquistar os jovens e adolescentes e fazê-los mais participativos em sala de aula.

O que é necessário e possível é tentar modificar a realidade escolar, inclusive nas aulas de língua portuguesa, dando aos alunos mais abertura e mecanismos para que possam colocar em prática suas habilidades e perspicácia, sua capacidade em contribuir para o ensino aprendido, em vez de serem apenas observadores ou agentes passivos de um ensino que os quer, em alguns casos, apenas como ouvintes e reprodutores de ações baseadas em estímulos condicionadores. A aversão que se tem pela forma como a escola aplica sua metodologia de ensino, muitas vezes, faz com que crianças, jovens e adolescentes se tornem apáticos, pouco

receptivos ao conteúdo ministrado e criem cada vez mais barreiras para o aprendizado, ou melhor, para o aprimoramento da língua materna, como afirma Gil (2011).

Assim, a educação se tornou um desafio ainda maior para o professor, principalmente na hora de encontrar maneiras de tornar suas aulas mais dinâmicas, de ensinar e repassar os conteúdos de forma a obter melhores resultados, fazendo com que o ensino de língua, por exemplo, seja mais atrativo. Por isso, o intuito desta pesquisa foi, justamente, propor e demonstrar como os textos humorísticos, mais especificamente as piadas podem ser utilizados em sala de aula, e sua importância nas aulas de LP.

Um dos principais problemas dos quais se queixam os estudantes é o fato de que a prática se distancia da teoria, que os conteúdos são alheios à sua realidade, tornando-se um obstáculo para o ensino, ao invés de ser um instrumento de aprendizagem. Quando uma criança chega à escola, traz consigo o seu repertório linguístico e cultural, repertório que ela adquiriu em casa, no seio familiar, carregado de peculiaridades, muitas vezes, totalmente, diferentes daquele encontrado no ambiente escolar. A escola sempre priorizou e defendeu o uso da língua padrão, gramaticalmente “correta”, de acordo com a chamada norma culta, distanciando-se, na maioria das vezes, da realidade dos alunos e dificultando o aprendizado do aluno.

Como afirma Brandão (2000), é essencial que o aluno tenha contato e seja posto diante da diversidade de discursos que circundam seu cotidiano e que fazem parte de seu repertório cultural, até porque, quando a pessoa se depara com algo que lhe é familiar, torna-se muito mais aberta e, conseqüentemente, o aprendizado se torna mais eficiente e prazeroso. A sociolinguista Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) chama a atenção para a pluralidade de estilos comunicativos dos falantes, que optam por formas distintas quando estão em ambientes diferentes, como, por exemplo, nos corredores da escola, no pátio ou em sala de aula, ou seja, é, exatamente, nos dois primeiros casos que a comunicação flui de forma mais natural e espontânea, o que significa que se o professor utilizar recursos que tornem a sua aula mais descontraída e espontânea, provavelmente, obterá melhores resultados e conseguirá torná-las mais atrativas aos alunos.

Por outro lado, os professores também se queixam da dificuldade em introduzir o aluno no universo da linguagem. Parece que há uma dualidade entre essas realidades, de um lado o aluno, que é tido como falante de uma linguagem “errada, e de outro, o professor que é visto pelo aluno como detentor de uma língua inacessível, difícil e maçante. Ou seja, professor e

aluno ignoram a heterogeneidade que os constitui, na medida em que não refletem sobre as práticas educacionais, discursivas e metodológicas utilizadas na escola. A prática escolar deixa claro que a escola não consegue ver os alunos como seres heterogêneos, com realidades e históricos diferentes e, principalmente, que o seu léxico é construído de todas as suas realidades anteriores ou fora da sala de aula, como família, amigos, comunidade e a própria mídia, (POSSENTI, 1996). Se um professor acredita que a única forma de prática pedagógica é ensinar os alunos utilizando textos e exercícios, nos quais os alunos deverão sempre copiar e repetir, simplesmente, sem utilizar-se de outros meios que os leve a pensar, argumentar, mas apenas reproduzir mecanicamente as atividades, certamente esse professor não se dá conta de que está utilizando prática que não diferencia o homem dos demais animais, pois o aprendizado por repetição e estímulos é uma prática que pode ser aplicada eficientemente a qualquer animal para que este venha a aprender, como afirma Possenti (1996).

Por isso a preocupação com a questão inclusiva social deve ocorrer não apenas com as demais situações do aluno, como sexualidade, religião, classe social, entre outros, mas também com a língua, uma vez que o preconceito linguístico é um grande alvo de exclusão, muitas vezes, até mesmo por parte do educador. De acordo com Bortoni-Ricardo, em sua obra *Educação em língua materna – a sociolinguística em sala de aula* (2004), percebe-se a importância do papel do professor ao entender a realidade de seus alunos, de considerar cada experiência individual, repertório linguístico, cognitivo e social, pois certamente as competências adquiridas no domínio familiar apresentam uma fonte de riqueza sociocultural que não pode ser anulada e substituída de forma brusca e radical sem prejuízos consideráveis à identidade do aluno e ao processo de ensino aprendizagem de língua em sala de aula.

Partindo desse princípio, o professor tem a função de ser mediador do ensino, promovendo a ampliação do repertório intelectual e linguístico dos educandos, e não a função de acusador ou julgador da realidade individual, independentemente das variantes linguísticas encontradas em sala de aula, (BORTONI-RICARDO, 2004).

Assim como Bortoni-Ricardo, que defende a importância da valorização desse conhecimento prévio do aluno, encontramos, nas declarações de Angela Kleiman (1995), um conceito que corrobora tal afirmação, pois, segundo ela, a criança começa um processo de letramento desde o início de sua infância, muito antes da sala de aula, ao ouvir e aprender, no domínio familiar, histórias, falas e discursos diversos que vão compondo e formando seu repertório intelectual, anterior ao processo de letramento formal. Se a autora afirma que a

criança tem sua formação iniciada ao presenciar/ouvir histórias que lhe são narradas diretamente ou pela observação dos adultos, certamente, em algum momento, também terá ouvido piadas e/ou textos humorísticos que vão introduzindo-a na construção dos conceitos sobre esse tipo de discursos.

Dessa forma, muito mais do que entender e aceitar a realidade de seus alunos, o professor pode também criar mecanismos de valorização dessa cultura e buscar instrumentos que possam ser introduzidos no processo de formação escolar, de forma que o ensino aprendizagem possa ser baseado em práticas variadas e que se tornem mais atrativas à turma. Pois como afirma Paulino Vandresen (*in*: ZILLES, 2006), a Gramática que se tenta impor não condiz com aquela ideia vigente em nossa sociedade, isto é, não produz os efeitos concretos e não oferece subsídios relevantes para o ensino. O questionamento aqui não tem o intuito de desvirtuar o papel da escola nem desmerecê-lo. É importante lembrar que dentre os papéis da escola, está também o de promover o ensino da língua padrão e que dominar essa língua é uma forma de ascensão social, pois como afirma a pesquisadora Bortoni-Ricardo (2004, p.9):

Como bem sabemos nas disputas do mercado linguístico diferença é deficiência. Por isso, cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que ainda isso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade.

Assim, a questão é encontrar um equilíbrio entre a valorização das competências linguísticas trazidas de sua casa pelos alunos com as competências linguísticas que se deve adquirir na escola, pois socialmente falando, qualquer desvio da norma padrão, muitas vezes, é visto como uma deficiência e a língua, que sempre foi considerada um sinal de prestígio, pode também colocar o falante à margem social simplesmente pelo fato de utilizar-se de um falar diferente. Assim, o papel da escola não é o de anular o repertório do aluno, e sim aproveitá-lo, aprimorá-lo para que ele amplie seus conhecimentos e competências linguísticas, (LEMLE, 1978).

A afirmação de Vandresen (*in*: ZILLES, 2006), se refere a um fato concreto no ambiente escolar, pois alunos e professores parecem, muitas vezes, falarem línguas diferentes. Isso não é uma afirmação totalmente descabida, pois apesar de ser a mesma língua, de serem pertencentes ao mesmo sistema linguístico, os alunos não têm a mesma formação, experiência

e repertório que o professor possui e para a criança ou o adolescente, parece que o educador está falando outra língua. Essa distância no falar gera também um bloqueio na relação aluno-professor, e se isso não for administrado com sabedoria e cautela, cria-se uma lacuna intransponível entre eles. As reações podem ser as mais diversas, porém a mais comum é que a maioria dos aprendizes adquira aversão pelo ensino.

E esse é um dos questionamentos mais comuns entre professores, principalmente os de Língua Portuguesa, por que os alunos têm tanta dificuldade ou aversão pela língua se ela é utilizada em todos os momentos de sua vida, e tudo o que fazem, independente do contexto, se houver um ato comunicativo, terá como elemento principal a língua. É comum ouvir professores dizerem: - “*o aluno não pode ter dificuldade em aprender língua portuguesa, pois nós falamos português o tempo todo*”. A resposta surge imediata, pois parece que o papel da escola no senso comum, se desvirtua, já que em vez de ser um ambiente para formar pessoas, para auxiliar os alunos no domínio das competências linguísticas básicas, dentre outros papéis relevantes, o que se pensa é que a função principal é estabelecer regras, normas e cobrar isso de seus alunos; que ela ensina uma modalidade da língua que não se assemelha em nada ao seu uso no dia a dia e que se pretende anular toda e qualquer experiência adquirida anteriormente ao início do processo de alfabetização e formação escolar. As regras gramaticais parecem muito distantes e alheias aos aprendizes e sua imposição seria uma forte violência cultural: a realidade da língua utilizada no dia a dia, de forma espontânea e despreocupada não condiz com a forma contida nos livros, gramáticas e nos currículos escolares. É evidente que o aluno se choca quando se depara com a realidade de que aquela maneira de falar que ele utilizou por toda uma vida, de repente seja considerada inútil ou incorreta, quando o educador não possui a capacidade de demonstrar as diferenças. No entanto, o papel do educador é aproveitar o repertório do aluno, mostrar-lhe a existência de outra modalidade e ajudá-lo a saber distinguir em quais momentos poderá optar por uma ou outra modalidade no seu cotidiano (POSSENTI, 1996).

Portanto, esse é mais um desafio para o professor de língua portuguesa, vencer os obstáculos e tentar superar os *tabus*; primeiro, tornando sua aula mais dinâmica, despertando interesse em aprender (reaprender ou aperfeiçoar) a língua; segundo, utilizando os inúmeros atrativos tecnológicos e midiáticos para a melhoria do ensino, já que o professor pode trabalhar com esses recursos, que são, na maioria das vezes, acessíveis e presentes na vida de seus alunos; o uso dessas tecnologias e sua interferência na comunicação diária permitem o

surgimento de novos e inúmeros gêneros constantemente, Marcuschi (*in*: DIONISIO, 2002). Acredita-se que dominar os novos gêneros como um mecanismo poderá possibilitar uma melhor relação com os textos, independente do gênero a que pertença, e será mais fácil promover o conhecimento e trabalhar a linguagem, ainda que se trate de gêneros não muito conhecidos ou utilizados em sala de aula, CRISTOVÃO (*in*: DIONISIO, 2002).

2.2- A importância do texto humorístico no ensino de Língua Portuguesa

Diante da realidade desafiadora para o professor e ao nos referirmos ao processo educacional, mais especificamente às aulas de língua portuguesa surgem alguns questionamentos: é possível aprender ou ensinar língua portuguesa com textos humorísticos, principalmente piadas? Incluir o humor em sala de aula não tiraria a ideia de seriedade das aulas e interferiria na autoridade do professor? É isso que afirma a ala mais conservadora, de professores que não veem os textos humorísticos como um bom instrumento para se trabalhar em sala de aula, (POSSENTI, 2010).

Tendo em vista os questionamentos e resistência, principalmente por parte de muitos educadores, é preciso analisar e pontuar algumas situações, para depois entrar no mérito da questão propriamente dita. Em primeiro lugar, apesar de o humor ser uma realidade tão antiga e inerente ao homem, apenas recentemente a escola tem demonstrado atenção e abertura aos textos humorísticos. Ainda assim, trata-se de um assunto polêmico, pois há muitos educadores que estão arraigados nos modelos pedagógicos tradicionais, nas formas conservadoras de ensinar, de tal maneira que não aceitam inovar ou acompanhar a evolução da sociedade. Acreditam que qualquer alteração no modo de ensino pode colocar em risco a qualidade educacional.

Entretanto, a resposta é positiva. Todos os gêneros textuais oferecem uma rica fonte de material para o ensino da língua portuguesa, o que não exclui os humorísticos. Ao utilizar esses textos voltados para o humor, o professor pode ter a possibilidade de amenizar a aversão que muitos alunos têm pelas aulas de língua portuguesa. Sair de um estilo puramente gramatical para passar a uma aula dinâmica e interativa, nas quais os alunos possam ter momentos de descontração, de reflexão da realidade, de identificação com os textos que conhecem em seu próprio ambiente familiar, tudo isso parece ser o modelo ideal para tentar obter melhores resultados no processo educacional. Para muitos, os textos não passam de meras anedotas sem sentido ou apenas com um cunho sarcástico ou lúdico, algo voltado à

zombaria, ao escárnio ou simplesmente um passatempo utilizado nos momentos de fuga dos assuntos formais ou “sérios”.

Infelizmente, quando ouvimos ou lemos uma piada, a única reação que esta provoca certamente é o riso, de forma automática e mecânica, baseado apenas no tema ou desfecho da piada. Esse fato, no entanto, é lamentável, pois muito mais que um instrumento risível, as piadas constituem um objeto de grande amplitude, carregada de um imenso conteúdo ideológico, o que garante sua relevância em vários contextos, havendo inúmeras e fortes razões para que ela se torne objeto de análise, (POSSENTI, 2011). O texto humorístico veicula uma visão sintetizada dos problemas, tornando-se mais fácil de ser compreendido pelos interlocutores. Esse teor explícito ou implícito das piadas é o que talvez garanta sua adesão e preferência no gosto popular, pois se trata sempre de temas conhecidos, de fatos vividos ou presenciados pelos interlocutores.

Lamentavelmente, esse gênero ganha um juízo muito superficial, embora seja carregado de conteúdo de análise do comportamento humano e de crítica social. As piadas, independente de seu tema, sugerem uma reflexão moral, uma chamada e alerta a determinados tipos de ações, combatendo algum tipo de preconceito ou representando aquilo que já se convencionou como estereótipo para determinados grupos ou situações.

Ainda de acordo com Possenti (1998), neste contexto do humor, as piadas são interessantes, porque geralmente versam sobre temas considerados *tabus* em nossa sociedade ou que ainda não possuem tanta liberdade para serem discutidos, abertamente, em quaisquer outras situações mais formais. Temas polêmicos como sexo, política, racismo, instituições (igreja, escola, casamento, maternidade, línguas), adultério, loucura, morte, desgraças, sofrimento, defeitos físicos (para o humor, a velhice, a calvície, a obesidade, órgãos genitais pequenos ou grandes, são defeitos, ou seja, são temas socialmente controversos). Dessa forma, elas servem de *corpus* para que estudiosos possam reconhecer ou confirmar manifestações culturais e ideológicas. Nas piadas, geralmente, judeu é muito materialista e mesquinho, português sempre é associado a uma pessoa sem inteligência, que entende tudo de forma equivocada, japonês tem órgão genital pequeno, baiano é preguiçoso, loiras são desprovidas de inteligência e maturidade, entre outros.

É interessante analisar, no entanto, que o fato não está relacionado a um fenótipo, como a cor do cabelo, por exemplo, no caso das loiras. Por que isso se aplica somente às mulheres loiras e não a homens? O fato está relacionado a um tipo de machismo, uma relação de poder

e estereótipos infundados. O estudo de piadas é interessante também porque, quase sempre, elas veiculam discursos proibidos, subterrâneos, não oficiais, que provavelmente não se manifestariam em uma entrevista ou em um texto mais informativo. No texto humorístico, no entanto, qualquer tema, por mais sério ou importante que seja, pode ser ridicularizado sem limites e sem censura.

Além da questão da reflexão sobre os tipos sociais, os textos humorísticos constituem um bom material para o ensino de língua portuguesa. A leitura e o conhecimento desse tipo de textos permitem explorar vários mecanismos linguísticos e conteúdos que os professores, muitas vezes, têm dificuldades em fazer os alunos entenderem ou ao menos não encontram uma maneira atrativa para prender a atenção dos alunos.

É com base nessa dificuldade dos professores, na necessidade de acompanhamento das novidades que surgem em todas as esferas sociais e considerando a importância dos textos humorísticos e das piadas, que novos olhares têm se debruçado sobre esse gênero textual, conquistando espaço em sala de aula e ganhando destaque no ensino. Já é possível comemorar os avanços alcançados, pois embora muito se tenha a avançar, não se pode negar que qualquer progresso é louvável no que se refere a melhorias no ensino e na qualidade da aprendizagem. É perceptível que há um esforço por parte das lideranças educacionais e, recentemente, a prioridade parece não ser exclusividade do ensino da língua padrão, pois a escola entendeu e admitiu que há uma diversidade linguística brasileira, estabelecendo diretrizes aos professores em sua prática pedagógica por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.31):

No ensino aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...] a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Analisando questões práticas e pedagógicas, os PCNs têm sintetizado o trabalho desenvolvido nas últimas décadas no que se refere ao ensino da língua portuguesa. É notória, como já mencionado neste texto, que mudanças têm sido adotadas, sob a influência da linguística. A partir da década de 70 e 80 começam a surgir propostas voltadas para o professor, tendo como base a linguística e seus reflexos na educação. Volta-se, assim à afirmação de Marcuschi (*in*: DIONISIO, 2002) de que os PCNs voltam um olhar e uma

proposta para a valorização dos gêneros discursivos e que esse trabalho com gêneros no processo educacional parte, basicamente, do conceito de que a linguagem é um processo que se realiza nas práticas sociais que existem nos diferentes grupos, contextos e situações sociais, considerando momentos e eventos distintos da sociedade.

2.3- O texto humorístico como instrumento de inclusão social em sala de aula

Com base na abertura que os PCNs dão aos educadores para que os textos humorísticos passem a fazer parte do currículo escolar, não se pode negar que esse tipo de texto constitui um importante aliado do professor na tarefa de ensinar a Língua Materna (nesse caso, a portuguesa), considerando que as piadas são textos de fácil acesso e conhecimento por parte do aluno. No entanto, embora seja possível, por meio do texto humorístico, rir de qualquer segmento ou situação, devemos ter o cuidado de saber utilizá-lo em sala de aula. É recomendável e louvável que o humor seja utilizado com o intuito de desconstruir os estereótipos, amenizar os estigmas e combater o preconceito, e não como forma de zombar ou inferiorizar este ou aquele tipo ou classe. Não se pode ignorar que as piadas, na maioria das vezes, apresentam conteúdos que ridicularizam ou criticam determinados tipos sociais, muitos dos quais podem fazer parte da vida de algum aluno, o que o colocaria em situação constrangedora ou o tornaria objeto de exclusão por parte dos colegas.

É possível que haja, por exemplo, em uma sala de aula alunos pertencentes ao judaísmo, religião alvo de estigma social, alunos homossexuais que se sintam menosprezados pelas piadas; alunos negros, gordos, japoneses, descendentes de portugueses ou gaúchos, torcedores de determinado time cuja conotação social seja pejorativa, aluno com algum tipo de deficiência física, alunas com o cabelo loiro e assim por diante. Dessa forma, o professor precisa recorrer a uma didática que una e fortaleça o grupo e jamais a uma prática que cause exclusão. Assim, é possível trabalhar o conteúdo risível de um texto, fazer a análise linguística e estrutural, e também buscar desconstruir discursos excludentes. O professor pode demonstrar, por exemplo, que a escolha vocabular é um fator determinante na produção do humor e que isso independe, muitas vezes, de questões culturais.

No exemplo da piada a seguir, temos um relato de uma história que se passa em uma determinada região do Oriente Médio. Esse texto, se analisado de forma ideológica, cultural, certamente estará carregado de preconceito e totalmente arraigado no estereótipo que se instalou no senso comum, reforçando a imagem de que o judeu é mesquinho, avaro,

ganancioso e materialista, a ponto de ignorar a dor da perda da mãe para focar nos bens materiais que ela, possivelmente, deixou para ele. Citamos esse exemplo apenas para demonstrar que, juntamente com a questão do estereótipo, a construção linguística ou a escolha vocabular podem ser decisivas na produção do sentido do humor no texto:

*Dois amigos se encontram numa cidade do **Oriente Médio**. Um deles está cabisbaixo. O primeiro pergunta:*

— *O que aconteceu?*

— *Minha mãe morreu. Fiquei muito triste.*

— *Que pena! Meus pêsames. Mas o que ela **tinha**?*

— *Muito pouco, infelizmente: um apartamento, dois terrenos, um dinheirinho no banco...*

Analisando esse texto, percebemos que o diálogo gira em torno de uma situação trágica, de pesar e tristeza, pois se trata da morte da mãe de um dos amigos. Nota-se que a alusão a uma cidade do Oriente Médio nos remete à ideia de que se trata de um personagem, possivelmente, judeu ou libanês, cujo estereótipo é o de uma pessoa mesquinha e materialista. No entanto, mesmo com essa citação do local, pode muito bem se tratar de dois amigos que não são desse local e que estão aí por motivo de trabalho, passeio ou outra situação; podem ser pessoas nascidas em outras localidades do mundo e que não precisem ser incluídas nesse grupo de estereótipo. Segundo, não é, neste texto, a nacionalidade ou o local que garantem o sentido do humor, e sim a escolha vocabular, ou seja, o verbo **ter**. Quer dizer, quando o amigo pergunta “*o que ela tinha?*”, ele se refere à causa *mortis*, ao problema que a levou ao óbito, porém, o filho entende a pergunta com o verbo **ter** no sentido de posse, isto é, como se o outro indagasse qual o patrimônio da falecida, os bens materiais que sua mãe possuía. E é essa ambiguidade, esse desentendimento que provoca o humor, muito mais forte do que a nacionalidade do personagem. Assim, se fosse qualquer pessoa, de qualquer país, ou se nem sequer fosse citada sua nacionalidade no texto, o humor teria o mesmo efeito. Nesse caso, o fator *Oriente Médio* é apenas um elemento de realce, pois direciona a um estereótipo já consagrado no senso comum.

É importante perceber que o texto humorístico possui um esquema predeterminado, intencional e direcionador. Um texto, mesmo os humorísticos, não pode ser construído de qualquer forma, ele precisa ter uma estrutura que garanta seu desfecho. No caso relatado, se o autor da piada tivesse utilizado outro verbo que não fosse o verbo **ter**, certamente o sentido

humorístico estaria comprometido. Esse verbo garante o riso, porque traz consigo um significado polissêmico, porque pode provocar ambiguidade, que é um elemento fundamental na maioria dos textos humorísticos. Se a construção do diálogo tivesse se dado de outra maneira, mais clara, mais direta, por exemplo, se o amigo tivesse perguntado: “... *qual foi a causa da morte?*”, a ocorrência do humor estaria fora de cogitação. Assim, o desfecho da piada, apesar do estereótipo do judeu, está em um elemento linguístico-gramatical, totalmente proposital para provocar o tom jocoso ao final. É o que Possenti (2011) chama de gancho ou gatilho, conforme se verá mais adiante, neste trabalho.

Muito mais importante, então, é demonstrar que a risibilidade não pode ser motivo de nenhum tipo de violência moral. O discurso do educador deve ser o da igualdade, não de características, mas igualdade de valores e de direitos, isto é, deixar claro que, apesar de haver diferenças pessoais, culturais, físicas etc., todos têm o mesmo valor enquanto pessoa, enquanto seres humanos.

Parece controverso considerar que o texto que critica determinado segmento ou situação possa ser utilizado como meio de combate ao preconceito. A resposta é afirmativa quando o professor tem a capacidade de desconstruir o discurso preconceituoso. Uma maneira seria demonstrando, por exemplo, aos alunos que não há nenhuma etnia ou tipo de pessoas dotado de maior inteligência que outras. Há pessoas consideradas gênios em todas as nacionalidades, e há que se considerarem fatores externos, como o acesso à educação, a formação pessoal, a experiência de cada um.

Quando se trata de estereótipos, é preciso recorrer aos fatos históricos e verificar a origem daquele estigma, que na maioria das vezes trata-se de formas de dominação política, de pessoas ou grupos se julgarem superiores a outros que possuam características diferentes, tudo isso apenas para assegurar sua ascensão ou domínio sobre os demais povos. É preciso convidar o aluno a se colocar no lugar do outro, verificando como se sentiria se fosse ele o alvo de discriminação. Podem-se buscar exemplos de pessoas que venceram suas limitações físicas e conseguiram realizar façanhas consideradas impossíveis para sua situação, no caso de deficiências físicas, por exemplo. Assim, há um risco muito grande e um limite muito tênue entre se considerar melhor ou pior que alguém, pois sempre que apontamos para o outro, somos colocados em destaque para também sermos alvo de julgamento.

2. 4 As piadas sob a ótica linguística - *estrutura gramatical das piadas*

A produção de um texto seja ele do gênero que for, não pode se resumir a uma construção aleatória de palavras desconexas, mas exige do escritor um planejamento prévio, conhecimentos gramaticais básicos e, principalmente, ter claro o objetivo sobre o que vai escrever. Assim, qualquer texto, independente de seu estilo ou tema, é fruto de um processo seletivo de informações, previamente, determinadas por quem o produz. São vários os aspectos a serem considerados antes da sua produção, como a escolha temática, os objetivos, o estilo a ser seguido, cujos resultados dependem, em muitos casos, da escolha vocabular. A elaboração de um texto e a seleção de palavras não são tão simples e por ser tão relevante exige esforço e responsabilidade por parte do autor.

Esses requisitos se aplicam também às piadas, pois embora vistas quase sempre como objeto apenas risível, elas são fruto de um conjunto textual com coerência, com estrutura lógica, garantindo a ligação entre o desenvolvimento temático e as informações acumuladas no processo de socialização dos falantes de uma língua, (GIL, 2011).

A ideia que se tem, no senso comum, é de que as piadas são textos sem sentido, que não obedecem aos parâmetros gramaticais e não merecem tanta atenção por parte dos linguistas e gramáticos, pois retomando Possenti (2011), quando se ouve ou lê uma piada, a atenção se volta apenas ao riso, e isso é lamentável dada a importância e complexidade de seu conteúdo e estrutura. A coesão nas piadas existe e é fundamental para o seu entendimento, e ela se refere ao modo organizacional das palavras e frases, como elas se articulam entre si e como se ajustam sintaticamente. A escolha dos conectores, das expressões com funções conectivas, a função de cada frase específica, as elipses, as junções, a recorrência de lexemas e a substituição lexical, o jogo de perguntas e respostas, permitem não apenas o sentido coesivo da piada, mas também uma progressão no direcionamento do sentido, (GIL, 2011).

De acordo com Marcuschi (1983), os elementos coesivos dão conta da estrutura da sequência superficial do texto; não representam apenas princípios sintáticos, mas sim uma espécie de semântica do texto. Ainda que a coesão não seja uma condição arbitrária na piada, esta se torna imprescindível para dar maior veracidade e compreensão da essência do texto e levar o leitor/ouvinte a conhecer o verdadeiro universo das personagens, tornando-se um instrumento de persuasão e de crítica social. Por exemplo, se um texto não tiver coesão não será possível entender o assunto, o diálogo ou a narrativa que se pretende transmitir por meio

da piada. O autor precisa obedecer às regras de concordância da língua, À ordem lógica da posição das frases, das orações entre outros elementos fundamentais para a sua compreensão.

As piadas, geralmente, acionam mais de um mecanismo linguístico. Por isso, neste estudo, nos propomos a analisar mecanismos fonológicos, lexicais, morfológicos e sintáticos, envolvidos na produção do texto humorístico. Dessa forma, o humor, nesse tipo de texto analisado, opera em vários níveis simultâneos, seja no explícito, no qual se atualizam as informações pertinentes a um texto específico ou no implícito, usado para a estruturação formal da surpresa, sem a qual o conteúdo de base não tomaria sua forma cômica. Assim, quando lemos um texto humorístico cujo objetivo é o riso (o aspecto mais saboroso e prazeroso) isto se deve às informações implícitas. Portanto, a surpresa da descoberta do imprevisto que provoca o humor serve-se, em geral, do implícito. São exatamente as possíveis interpretações ambíguas, as possibilidades diversas de interpretação de um final para o texto que resultam na jocosidade (ROMÃO, 2001).

Segundo Gil (1991), piada é uma narração curta e dialogal que tem um sentido humorístico e para ela, estruturalmente, a piada se divide em duas partes. No primeiro momento, há uma fase conhecida por antecedente, ou seja, aquela que introduz o tema, o tópico, personagens e a situação; no segundo momento é a parte conclusiva do texto, que seria o conseqüente. Na sua concepção, Gil afirma que essa consequência nunca está explicitada e que o sentido ou efeito do humor está a cargo do implícito. Para comprovar sua teoria, a autora analisa a seguinte piada:

O ladrão entra numa joalheria e rouba todas as joias da loja. Guarda tudo numa mala e, para disfarçar, coloca roupas em cima. Sai correndo para um beco, onde encontra um amigo, que pergunta:

- E aí, tudo joia?

- Que nada! Metade é roupa...

Nesse caso, bem como no exemplo da piada dos dois amigos judeus, o riso é provocado pelo efeito polissêmico da palavra joia. Esse vocábulo além de ter o significado de pedra preciosa, adereço de valor, possui também, no senso comum, o mesmo significado da expressão “*tudo bem*”. Porém, o desfecho do texto, garantido pela resposta do ladrão se dá pelo seu entendimento no sentido literal, como se o amigo tivesse perguntando se toda sua bagagem na mala se resumia a joias, ou seja, se a mala estava cheia de joias. No entanto, há outro detalhe importante a ser destacado, é que essa ideia só é possível porque realmente o ladrão estava carregando joias na mala, pois se fosse uma mala apenas com roupas ou

qualquer outro objeto, essa hipótese seria descartada automaticamente, pois o ladrão não associaria o cumprimento do amigo ao objeto que estava carregando. Assim essa transposição do antecedente para o conseqüente é feita por um elemento mediador, de ordem linguística, em geral voltado aos níveis fonético-fonológico, morfossintático ou semântico.

Sírio Possenti (2010), percorre um caminho similar, apesar de usar uma espécie de atalho, pois, para ele, a piada constitui um texto cujos mecanismos linguísticos provocam dois cenários possíveis. Seu início ocorre dentro de uma intenção e termina em outra. É exatamente aquilo que ele determina como ganchos ou gatilhos, o que provoca, de forma inesperada, a transgressão da direção do texto. Entra em jogo, então, a função do linguista para identificar e dar relevância a esses mecanismos, mesmo que possam parecer óbvios, pois, segundo Possenti, nem todos os estudiosos fazem essa análise, se prendendo mais aos aspectos ideológicos, sociológicos, psicológicos das piadas. Para ele, o entendimento e a “explicação” só são possíveis se se envolverem os domínios linguísticos como os aspectos fonológicos, morfológicos, lexicais, entre outros.

Assim, Gil e Possenti parecem dialogar e concordar que, embora haja algumas particularidades, a piada parte sempre de uma narrativa cujo sentido do humor é provocado por meio de um elemento mediador ou de um gancho ou gatilho, na visão do segundo autor, que de acordo com o auxílio dos conhecimentos linguísticos irá possibilitar uma leitura inesperada e surpreendente, que gerará o sentido do humor.

Possenti (2011) publicou um artigo na revista *Língua Portuguesa*, no qual aponta sinteticamente, alguns fundamentos estruturais das piadas, que lhes conferem identidade humorística e o efeito esperado nesse tipo de texto. Dentre os elementos sugeridos pelo linguista se destaca, principalmente, o papel da surpresa, ou seja, um resultado diferente daquele esperado, superficialmente, no texto em geral. De acordo com Possenti, trata-se da junção de duas histórias primordiais para a construção do sentido da piada, uma que norteia o texto em geral e outra que emerge rapidamente ao final do enredo, desvirtuando o resultado esperado e apresentando um final surpreendente, que é o provocador do riso.

Porém, para que isso ocorra, isto é, para que aconteça essa junção das duas histórias e a fusão dos textos, provocando o sentido humorístico, é preciso que haja uma espécie de “gancho” ou “gatilho” que possa unir uma a outra e produzir efeito. Esse gancho se dá, justamente, pela escolha vocabular, pois os elementos devem ser escolhidos, propositalmente, de maneira a provocar a ambigüidade ou outro efeito que leve ao humor, conforme

demonstrado na piada dos dois amigos que conversavam sobre a morte da mãe de um deles, analisada neste trabalho. Na piada citada, o gancho se deu pelo verbo **ter**.

Analisando essa afirmação de Possenti, ela nos parece irrelevante, mas é exatamente a presença desses ganchos que determina o resultado do texto humorístico e provoca seu efeito risível. Quando se vai escrever um texto de humor, é necessário recorrer ao conhecimento prévio do autor, analisar a possibilidade do conhecimento do leitor; por isso, é importante ter em mente e bem definido o público a que se destina o texto, pois o resultado também depende da interação com o leitor. A escolha de um conectivo, de um verbo, de uma expressão ou um vocábulo deve ser proposital e é determinante para a construção do sentido humorístico. Por isso, um professor pode, através do texto de humor, trabalhar conteúdos gramaticais como a ambiguidade, a polissemia, os implícitos textuais, os subentendidos e pressupostos. Assim, esse tipo textual oferece estrutura e material suficiente e eficaz no ensino de língua portuguesa, além de ser um forte atrativo mecanismo para prender a atenção de adolescentes e jovens nas aulas de língua.

Dessa forma, vale ressaltar que, além dos elementos de análise já mencionados, a escolha vocabular também apresenta importância na construção do sentido do humor no texto. Na comunicação, um dos principais suportes de uma obra é a escolha vocabular, pois a escolha de um vocabulário inadequado ou ineficiente pode comprometer o objetivo do texto e este, certamente, não alcançará sua meta. É preciso ter em mente aquilo que se pretende transmitir e a quem atingir para selecionar os recursos linguísticos adequados, caso contrário, poder-se-á obter resultados muito diversos daqueles almejados. Assim, para cada tipo ou estilo de texto existem palavras mais ou menos adequadas, pois algumas, embora tenham o mesmo valor semântico, jamais produzirão os efeitos que se espera de uma obra se não direcionarem, por exemplo, para a ambiguidade, o implícito, entre outros, como no caso das piadas, cujo riso é provocado, justamente, pelo que está quase sempre subentendido.

Assim como a seleção de palavras é tão relevante, exigindo esforço e responsabilidade por parte do autor, o mesmo ocorre com o professor ao escolher as piadas a serem trabalhadas em sala de aula, pois, precisa avaliar o contexto escolar no qual serão trabalhados os textos, analisar quais são as piadas mais reproduzidas ou mais recorrentes no meio social do aluno e avaliar os possíveis efeitos e a responsabilidade de suas escolhas para não frustrar seu trabalho. Exige-se uma sensibilidade muito aguçada para conseguir atingir o entendimento do leitor e provocar neste o humor e o riso.

O cuidado que se requer está ligado diretamente ao objetivo do trabalho a ser desenvolvido, isto é, quais as hipóteses se desejam confirmar ou refutar? Qual o enfoque? Que elementos o professor deseja identificar nesse estudo? Pois se a intenção é identificar o humor mais contido, reservado e crítico, é necessário selecionar textos que apresentem essas características. Se a ideia é identificar o poder da sensualidade ou até mesmo da vulgaridade presente nas piadas, partindo para uma análise de textos cujo humor seja mais agressivo, a linha temática será totalmente diferente. Se o foco for exclusivamente a questão linguística, escolha vocabular, elementos linguísticos e fatores sociais determinantes, há um rol de textos nos quais será possível identificar tais elementos. Enfim, como já mencionado, há vários tipos de riso, e há ainda o cuidado de saber encontrar um equilíbrio nos tipos de humor. De acordo com Aristóteles, é preciso ter cuidado com o excesso de jocosidade, pois os que ultrapassam o limite da jocosidade são levados ao ridículo, e ele mesmo os classifica como bons colóquios, o que se traduz por “ladrões do templo”, isto é, são comparados às aves de rapina que ficavam à espreita, próximas aos templos para comerem as vísceras dos animais sacrificados aos deuses, (GIL, 2011).

Com essa afirmação, o grande pensador grego nos remete à ideia de que uma pessoa cujo senso de humor não tem limites nem critérios, voltando-se exclusivamente à zombaria e ao escárnio, torna-se incômoda e perturbadora, pois sua única intenção é provocar o riso a qualquer custo sem se preocupar com que dizer, inclusive esquecendo-se, na maioria das vezes, do decoro e da decência em suas palavras. E assim surgem três concepções de sujeitos diante do riso: a primeira, mencionada anteriormente, diz respeito aos que agem com excesso e zombaria; a segunda se refere àqueles que não querem valer-se do risível e não o suportam, estes são considerados rudes e duros insensíveis aos prazeres da jocosidade e por último, há os que agem bem, aqueles que são moderados e sabem se comportar com equilíbrio, convertendo seu discurso convenientemente em riso, (GIL, 2011).

Neste estudo há uma atenção significativa para a escolha vocabular, considerando sua relevância para o texto de humor, mais especificamente nas piadas veiculadas. Esse tipo de texto é de conhecimento de grande parte da população, que, às vezes o busca com intuito de entretenimento e prazer, como algo risível, quase sempre sem se dar conta do material ideológico nele implícito e, principalmente, sem atentar para a estrutura gramatical e como a escolha do estilo, da forma e dos vocábulos é determinante na busca desse efeito. Portanto, é fundamental que as palavras empregadas em piadas sejam de conhecimento geral.

Muitas vezes, é a recorrência de determinados vocábulos que salienta a isotopia temática, garantindo a coerência do texto, pois “quando se lê um texto, busca-se, em geral, o tema que costura as diferentes partes do texto, a isotopia temática em suma” (BARROS, 1990, p. 74). Quando a seleção lexical auxilia na construção do percurso temático, podemos dizer que ela também é responsável pela coerência do texto, conforme Koch e Travaglia (1993). Muitos textos de humor também fazem uso de signos desorientadores, que, como o próprio nome indica, “desorientam” a direção do sentido do texto (SIMÕES, 2004, p.18). Conforme já mencionado anteriormente, esse fato ou esse tipo de construção, em outros tipos de textos, como os mais formais ou informativos, seria visto com certa cautela e considerado inadequado, pois fugiria do padrão textual que se exige de acordo com a tipologia textual, já que a função deste tipo de texto é oferecer uma informação precisa, nada ambígua, orientando a produção do sentido para a direção esperada. Os textos de humor também se valem deste expediente com o objetivo de produzir a polissemia, a ambiguidade. Portanto, quando se trata de um texto de humor, a escolha lexical é de suma importância, para se alcançar seu objetivo.

2.5 O “erro” como fator determinante do resultado humorístico

As piadas são textos coesos e coerentes, no que diz respeito à sua estrutura formal, aos seus aspectos organizacionais na frase, à ordem das palavras e a todos os elementos que possam produzir o sentido em um texto. Apesar de ser um texto humorístico, isso não significa que possa ser escrito aleatoriamente, sem critérios e sem preocupação com as regras gramaticais que tornam um texto em uma unidade textual, (GIL, 2011). Ao contrário, a construção de uma piada exige elementos específicos e características muito peculiares e essas escolhas, são indispensáveis para a obtenção do humor e do risível.

Entretanto, diferentemente dos demais tipos de textos, na piada, a coerência se dá exatamente por aquilo que está implícito ou subentendido. No caso dos demais textos, a coerência e a coesão garantem sua gramaticalidade e sua qualidade. Nesse caso, é exatamente a forma truncada que provoca a ambiguidade ou a polissemia, é o que garante a “coerência” própria desse tipo de texto.

O termo “erro” vem destacado porque, em outro tipo qualquer de texto, a polissemia ou expressão truncada teriam *status* de erro, de desvio ou inadequação, o que, no texto humorístico, ao contrário, garante eficiência. Nesse caso, aquilo que, para os gramáticos, deve ser evitado em um texto formal ou é conhecido como “erro”, na piada se torna muito bem

vindo e é o grande determinante do objetivo almejado: o humor. As piadas também se servem deste expediente com o objetivo de produzir a polissemia e a ambiguidade. Para isso, a escolha lexical é de suma importância na produção do texto da piada.

Como nos textos humorísticos a principal característica é o efeito polissêmico das palavras, a possibilidade do duplo sentido causando o tom jocoso, permitindo que se diga uma coisa, mas que se possam entender outras, isso se torna um aliado do professor, que pode trabalhar a questão gramatical, porque, no ato da escolha vocabular o aluno precisa ter consciência do efeito de cada recurso estilístico por que optar ao produzir seu texto; e para isso, precisa conhecer a teoria gramatical. É exatamente nesse momento que o educador pode e deve trabalhar o conteúdo teórico/gramatical, de forma que o prazer de se produzir uma piada seja superior à tarefa maçante de aprender uma teoria linguística.

Desse modo, a polissemia é bem-vinda nesse tipo de texto. É importante lembrar que as piadas não servem apenas para entretenimento ou deixar que se pense que são textos fúteis e sem utilidade alguma; pelo contrário, trazem consigo reflexão social, críticas e sugestões, alertam para problemas sociais e permitem tratar de assuntos polêmicos de forma mais branda e menos censurada. Além disso, é importante lembrar que as boas piadas podem ser bem aproveitadas no ensino da língua portuguesa, como avalia Possenti (2010, p. 16), pois ele afirma que:

Na medida em que os vestibulares, por exemplo, introduziram tiras de jornal em seus exames, a escola também percebeu um pouquinho que a piada pode ser um pretexto interessante para uma análise ou para um debate. Às vezes até mais um debate de conteúdo do que como uma análise da forma.

Se considerarmos que, dentre as várias funções da escola, uma delas é preparar o aluno para dar continuidade aos seus estudos e ingressar em uma faculdade, essa afirmação se faz pertinente. Ora, se os textos humorísticos estão sendo inseridos cada vez mais nas provas para concursos e vestibulares para ingresso nos cursos de nível superior, eis um grande motivo para serem trabalhados em sala de aula e permitir que os alunos possam ir se familiarizando com esse gênero e aprendam a analisá-los de forma a não se sentirem alheios diante de uma piada, ou outro texto pertencente ao gênero, pois talvez até conheçam esse conceito e estrutura, porém não têm nenhuma afinidade em fazer uma análise ou identificar os seus elementos constitutivos.

Dessa forma, se o ensino de gramática não oferece, ou pelo menos não de forma satisfatória e efetiva, tais subsídios, por que não utilizar recursos que possam ser mais atrativos para o ensino da gramática? E muito mais do que isso, além do ensino da gramática, concomitantemente trabalhar a ideologia, a criatividade e capacidade dos alunos, envolvê-los no próprio processo de criação de seus textos, fazendo-os produzir ou reproduzir suas próprias piadas. Para que o aluno crie sua piada, ele precisa conhecer os elementos que a constituem, ter as competências linguísticas necessárias, e o professor deve ensinar os conteúdos gramaticais, porém o que muda é o interesse da turma, pois passa a ter efeito positivo e estimulador o fato de que necessitarão do conhecimento teórico para aplicá-lo na prática e criarem seus próprios textos de forma bem humorada e prazerosa.

Esse pode ser um bom argumento, dentre tantos outros, para levar os alunos a se interessarem mais pelos textos humorísticos, convencendo-os da sua importância no acesso ao ensino superior. Esse estímulo virá do professor, que pode pedir aos alunos para fazerem uma análise dos textos que criaram, voltada, especificamente, para as questões linguísticas, identificando se conseguiram utilizar vocábulos que garantem o sentido do humor, se conseguiram provocar a surpresa e incluir os demais elementos necessários para o êxito textual. Certamente ao envolvê-los na produção desse material, suscitará e aumentará neles o sentimento de autorrealização e autovalorização por se sentirem participantes ativos e indispensáveis do processo de ensino aprendizagem e, principalmente por verificarem a aplicabilidade da teoria na prática. É importante lembrar ainda que o humor é um tipo de linguagem muito presente no repertório linguístico dos jovens e adolescentes, e isso pode se apresentar como um ponto positivo na análise das piadas, uma vez que se trata de algo familiar ao contexto deles, muito mais do que textos canonizados, muitas vezes, inacessíveis ou alheios à sua realidade.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 A importância da pesquisa no ensino de língua portuguesa

A importância do uso de piadas como recurso para o ensino de LP se faz pertinente por vários motivos, dentre os quais se destacam: contemplar, ao lado de outros textos, mecanismos gramaticais e discursivos; trabalhar a interação entre os estudantes, por explorar as condições de produção; possibilitar o aprimoramento da escrita e da oralidade, já que podem ser reproduzidas, oralmente em sala de aula, processo no qual se pode perceber as marcas das variações linguísticas, variações de estilos, identificar os diversos fatores sociais que envolvem o processo variacional, como a diferença entre gêneros, grupos etários, étnicos e outros, além de poder transformar a posição do aluno nas aulas de língua portuguesa, tirando-o da posição apenas de espectador passivo e apático e colocando-o como agente ativo e perspicaz, podendo expressar suas capacidades e habilidades, (GIL, 2011).

Esses mecanismos podem perfeitamente desconstruir o panorama muitas vezes desanimador no ambiente e na realidade escolar, demonstrando que é possível permanecer otimista em relação ao ensino e acreditar que se pode desenvolver ações que garantam melhores resultados no processo de aprendizagem. É possível desenvolver atividades que possam despertar o interesse dos educandos, atraindo sua atenção para as aulas de língua portuguesa, e evitar que elas se tornem exaustivas e enfadonhas e, principalmente, garantindo que eles possam assimilar os conteúdos gramaticais trabalhados em sala de aula.

Com base nessas possibilidades e atendendo à necessidade de inovação e de acompanhamento da evolução do ensino, tendo em vista as novas tecnologias, os atrativos midiáticos e tantos outros fatores que podem desvirtuar a atenção e o interesse do aluno em sala de aula, é que a escola atual tem revisto suas práticas pedagógicas, analisado seus métodos de ensino e valorizado a diversidade, respeitando a realidade de seus alunos. Foi assim que os novos tipos textuais e as novas formas de ensinar língua portuguesa ganharam espaço em sala de aula. Afinal, é o uso constante dessas tecnologias e sua interferência na vida das pessoas que fazem surgir novos e variados gêneros textuais, que podem e devem ser

aproveitados pelo educador e utilizados em benefício do ensino-aprendizagem, Marcuschi (*in*: DIONISIO, 2002).

Os diferentes gêneros textuais, muito mais próximos da realidade do aluno como as histórias em quadrinho, as letras de músicas e as piadas passaram a fazer parte do planejamento de aula do professor. A interdisciplinaridade foi aceita, e o professor entendeu que não é possível trabalhar a língua de forma isolada dos demais conteúdos, até mesmo porque a língua é utilizada para transmitir os conteúdos das disciplinas, os conhecimentos de mundo, além dos conhecimentos partilhados.

Tomando por base a afirmação de Brandão (1981), de que a educação não pode ser separada da vida e que o ambiente escolar deve ser integrado à realidade fora de sala de aula, torna-se um dever para os professores, pedagogos, coordenadores e diretores, e para toda a comunidade escolar, repensar seus métodos e somar a aquisição da linguagem, o letramento e a gramática ao conhecimento prévio que o aluno traz consigo para o ambiente escolar. É imprescindível adotar uma metodologia que transmita maior proximidade à sua realidade, pois isso fará com que o aprendiz se sinta mais motivado a participar das aulas de língua portuguesa, sinta-se mais confiante consigo mesmo, dando-lhe maior autonomia diante dos conteúdos estudados, uma vez que estes não são algo alheio à sua realidade.

Uma questão interessante e que deve ser salientada é que existe um preconceito em relação aos textos humorísticos. Muitos educadores ainda alimentam uma grande resistência em trabalhar esse tipo textual por pensar que eles podem desvirtuar o sentido do ensino de língua portuguesa ou ainda que sejam textos sem nenhum valor, e que se deve trabalhar em sala de aula apenas os textos formais, informativos e literários.

Essa é uma visão equivocada, pois além da riqueza de material ideológico contido nos textos humorísticos, há uma grande razão para que estes sirvam como base para o ensino de língua: o seu conteúdo linguístico. É o que encontramos nas afirmações de Possenti (2010), que reafirma a importância desse tipo de textos, pois, segundo ele, além do conteúdo de análise linguística, os textos humorísticos apresentam excelentes argumentos para a teoria textual e discursiva. Dessa forma, o professor pode, sim, utilizar-se das piadas, por exemplo, para levar seus alunos a ampliarem sua competência linguístico-discursiva.

Outra visão dos opositores do estudo do humor em sala de aula é a ideia de que as aulas se tornariam um caos, um bacanal, ou ainda que o professor perderia sua autoridade em relação aos alunos. Bem, todas essas são hipóteses infundadas; em primeiro lugar a ordem da

sala e o comportamento da turma dependem da autoridade do professor sim, mas também de sua capacidade em tornar a aula diferente, atraente para os alunos e de sua interação e confiança com eles. Quanto mais atrativa for sua metodologia, mais eficiente será sua aula.

Quando se trata de trabalhar piadas, alguns professores chegam a imaginar que serão analisados em sala de aula textos com conteúdos imorais, ou fortes demais para determinada faixa etária ou ainda que os alunos só vão rir à toa e não prestarão a atenção na aula. O fato é que o humor nem sempre traz consigo a gargalhada, o riso exagerado ou algum tipo de descontrole. O humor, muitas vezes está expresso de uma forma tão sutil, que provoca um tipo de comportamento pautado no prazer de ler aquele texto, tornando-o mais atrativo que os demais gêneros textuais. O humor também é algo muito pessoal e depende da interpretação ou do grau de risibilidade para cada pessoa. Assim, nem sempre um texto humorístico levará a turma inteira ao riso (em verdade, na maioria das vezes isso não acontecerá).

Por isso, o professor deve ter a maturidade e a responsabilidade ao selecionar os textos que serão trabalhados pelos alunos, evitando constrangimentos ou algum tipo de situação que possa fugir ao seu controle. Também deverá se preocupar em selecionar textos que possam ser familiares aos alunos, que possam fazer sentido para eles, que sejam textos de compreensão mais fácil, que não tragam textos muito truncados, pois isso dificultaria a forma de trabalho e a compreensão pelos alunos. É interessante (como foi realizado neste trabalho) o professor pedir aos alunos para trazerem exemplos de piadas que conheçam, que ouviram dos familiares, piadas de que eles gostem ou saibam recontar, isso tornará o trabalho mais interessante, pois colocará o aluno como protagonista desse planejamento de aula.

Por esses e outros tantos motivos é que as piadas se constituem objeto de grande relevância para o ensino. Como foi dito, se os vestibulares estão incluindo cada vez mais piadas, anedotas e charges em seus exames, é preciso preparar o aluno para interpretar e entender a riqueza desse tipo de texto. Outra afirmação importante do mesmo autor se refere aos elementos linguísticos da piada e como estas se tornam interessantes para serem trabalhadas em aulas de língua portuguesa. Ele afirma que, em relação aos sentidos, as piadas ilustram de forma clara a tese da ambiguidade, ou, ainda melhor, do equívoco que a linguagem pode produzir. (POSSENTI, 2002).

GIL (2011) deixa claro que há piadas que se valem da ambiguidade ou do subentendido de forma muito contundente. Nesses textos, diz-se uma coisa, querendo ou podendo dizer outra. Há textos, inclusive, que apresentam críticas fortíssimas ou até agressivas, mas acabam

passando despercebidos porque dependem da maturidade e da atenção de quem o lê. Além disso, muitas piadas exploram a questão da intertextualidade, ou seja, para que se produza o efeito do humor é preciso que o leitor conheça outros textos aos quais ela se refere. Sem esse conhecimento, o leitor certamente não conseguirá perceber o efeito do humor no texto ou não encontrará o sentido do risível na piada, ficando esta sem atingir seu objetivo que é provocar o humor. Muitas vezes, o “gancho” ou “gatilho”, propostos por Possenti (2011), estão ligados diretamente a um fato ou texto fora da piada e não haverá nenhum sentido se não for possível estabelecer essa relação entre um e outro.

É possível explorar ainda outros fatores determinantes no aprendizado de língua. É o caso, por exemplo, dos implícitos, dos pressupostos, da ambiguidade que pode gerar o duplo sentido. Como já mencionado anteriormente, a ambiguidade é um recurso básico que pela bissociação permite acessar dois mundos textuais (TRAVAGLIA, 2000). Torna-se, assim, muito mais fácil para o professor levar seus alunos a uma melhor compreensão do conteúdo por meio da leitura de textos com que eles tenham maior afinidade.

Apesar de haver um imaginário no senso comum de que o jovem e o adolescente não gostam de ler e que a leitura não faz mais parte da vida das pessoas, isso não se aplica, de certo modo às piadas, pois é cada vez mais crescente a tendência e o hábito de se ler textos humorísticos, vídeos, anedotas e animações ou charges utilizando as redes sociais, os aparelhos tecnológicos como os celulares, *iphones*, *tablets* e outros. Então, o professor pode utilizar esse apego dos alunos às tecnologias e trabalhá-lo em seu favor e do ensino-aprendizagem de língua.

O ato da seleção dos textos por parte do professor é fundamental para garantir a eficiência de seu trabalho. Os textos humorísticos, carregados de subentendidos, implícitos e pressupostos, apresentam uma espécie de lacuna que precisa ser completada, juntamente, com as informações que não estão, claramente, presentes no texto, mas devem ser captadas pelo leitor, buscada em seu repertório pessoal, em sua experiência de mundo e de seu conhecimento, seja da piada ou de situações que o levem a entender o sentido de humor no texto e encontrar a risibilidade. Por exemplo: se uma piada apresenta um *gancho* que é dado por uma palavra de sentido polissêmico, cujo desfecho humorístico dependerá, exclusivamente, desse vocábulo, se o aluno não tiver conhecimento da polissemia dessa palavra ou expressão, ele não conseguirá entender o texto e, conseqüentemente, não terá como

resultado o humor. Para ele, muitas vezes, esse texto será mais um, de um gênero qualquer, menos humorístico, pois não provocará nele o riso.

3.2 A composição do *corpus* da pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar e analisar se o texto humorístico oferece alguma contribuição para o ensino de gramática e demonstrar tais resultados, para contribuir com os colegas na busca pela inovação em sala de aula, objetivada no ato de ensinar língua portuguesa e melhorias na prática educacional. Este trabalho está pautado em uma experiência realizada em sala de aula com duas turmas do Ensino Médio, 2º ano D e E, da Escola Etalvívio Pereira Martins, na cidade de Rio Brillhante-MS, em aulas de Língua Portuguesa. A pesquisa foi desenvolvida tendo como base o uso de textos humorísticos (piadas), obedecendo ao Referencial Curricular do Ensino Médio do Estado de Mato Grosso do Sul (2012).

Tendo em vista que os textos humorísticos são em geral textos curtos e coesos, que oferecem os elementos essenciais da narrativa, articulações sintáticas, o léxico e os eventos e contradições do cotidiano (GIL, 1995), as piadas foram escolhidas para trabalhar os conteúdos gramaticais com os alunos das turmas mencionadas e o resultado foi satisfatório.

Os textos humorísticos não serviram apenas como um medidor do desempenho dos alunos resultando nas notas bimestrais, mas, principalmente, como uma maneira de tornar as aulas mais participativas, mais dinâmicas, menos enfadonhas e o mais importante, facilitar a compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula, pelos alunos, tornando-os menos apáticos e alheios às aulas de LP, (GIL, 2011).

O trabalho foi realizado obedecendo aos seguintes passos: no primeiro momento, foi trabalhada a parte teórica, dando ênfase para os conceitos de ambiguidade, polissemia, subentendidos, pressupostos, intertextualidade e outros tópicos relevantes que poderão ser encontrados nesse gênero; e no segundo momento, explicado aos alunos o conceito de texto humorístico, conforme planejamento de aula cadastrado no sistema da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul – SED/MS (cópia do planejamento anexa neste trabalho) e, em seguida a análise de piadas e o trabalho com os textos em sala de aula. A ideia era, justamente, confrontar a compreensão e a aceitabilidade dos alunos entre a primeira exposição sobre a teoria e a diferença, após serem analisadas as piadas. As aulas iniciais transcorreram

tendo como base um diálogo entre o professor e a turma, fazendo uma troca de informações, permitindo que os alunos citassem qual a familiaridade que tinham com esse tipo de textos.

Segundo Possenti (2011), quando alguém lê ou ouve uma piada, a primeira e principal reação que esta provoca ainda é o riso. De fato, no momento em que os alunos souberam que os textos a serem trabalhados naquele bimestre seriam as piadas, muitos questionaram, sobre esse gênero, sua eficácia e qual a necessidade de se estudar piadas em sala de aula. Houve um aluno que, surpreendentemente disse:

- *“professor, a gente vem pra escola é pra estudá, se fosse pra ver piada eu ficava em casa e ia ver no meu celular ou na internet...”*.

Essa fala do aluno (que ao final foi surpreendido com o material e com as análises, desculpando-se por sua antecipação em julgar o trabalho proposto), foi fundamental para a introdução do assunto e para demonstrar a riqueza desse tipo de texto. Tomando como ponto de partida exatamente a fala que poderia, talvez, ser considerada como o motivo de inibição do projeto ou estímulo negativo, serviu para estimular ainda mais o trabalho com piadas, não que essa tenha sido a motivação principal, porém, a ideia do desafio em provar aos alunos o valor dos textos humorísticos, tornou esse trabalho ainda mais interessante.

Essa fala surgiu como um fato providente para o professor introduzir o tema e demonstrar, que aquele aluno poderia estar enganado. Foi possível constatar e reforçar a afirmação de Marcuschi (*in*: DIONISIO, 2002) sobre a influência das novas tecnologias no surgimento dos novos gêneros e como elas podem interferir na linguagem diária dos falantes, pois o próprio aluno declarou que para ter acesso à leitura de piadas ele poderia recorrer ao seu aparelho de celular, lhe parecendo estranho que isso fosse feito na escola. Isso reforça ainda a ideia que os próprios estudantes têm em relação à utilização desses recursos como material de apoio ou mecanismos para melhoria do ensino, já que no imaginário deles, estudar significa exatamente não ler ou analisar esse tipo de texto. É o que fica evidente na fala reproduzida. Não significa que as piadas devam ser trabalhadas obrigatoriamente utilizando-se recursos tecnológicos, a proposta que se faz neste trabalho é de que seja possível e aceitável, desde que analisada a realidade da turma, usar tais recursos. Outra questão importante é verificar também a realidade da escola. No caso da escola Etalívio Pereira Martins, na cidade de Rio Brilhante, cada sala possui um aparelho de data show, telas retráteis e caixa de som; no entanto, há escolas que não possuem esses recursos. Vale lembrar ainda que existem as salas de tecnologias, equipadas com um bom número de computadores, além

dos *tablets* que podem ser utilizados em sala de aula. Então, é necessário que o professor tenha a maturidade para adequar sua metodologia de acordo com a realidade da instituição na qual trabalha.

A reação da turma diante da posição do aluno não foi unânime, uns riram e concordaram, outros o repreenderam, outros se espantaram e outros quiseram se manifestar positivamente. Houve alunos que disseram achar muito interessante, e que certamente as aulas seriam “*massa*”, “*maneiras*” e “*iradas*”. Uma menina se posicionou com certo cuidado em relação às piadas, por pertencer a uma denominação religiosa na qual as piadas eram vistas como textos imorais ou não eram textos com os quais ela tinha conhecimento ou intimidade. Na verdade ela vivia sob o conceito do *tabu*, ou seja, vendo a piada como um texto de discurso proibido. Outro aluno comentou que sempre achou as piadas muito maldosas e que muitas vezes tratavam de alguns temas de forma preconceituosa ou injusta. Pode-se relacionar esse pensamento do aluno ao que afirma Gil (2011), sobre o posicionamento de Freud, o qual declara que há um misto de alegria e ódio no humor e que muitas vezes, quando vemos um “defeito” físico ou uma situação de deficiência, julgamos que o outro é merecedor do mal que sofre e isso nos causa o riso.

Após todo esse alvoroço em sala e analisando a fala dos alunos, a reação da turma, foi possível perceber que a pesquisa caminhava no rumo certo, corroborando vários conceitos apresentados ao longo deste trabalho.

Apesar de haver certo preconceito em relação à leitura desse gênero textual, ficou evidente que na realidade os alunos conhecem e gostam de ler, ouvir e contar piadas. Aproveitando todas essas informações, iniciou-se, então, a aplicação da teoria na prática. Foi criado um roteiro para nortear o estudo das piadas, no qual constam questões que serviram para auxiliar o aluno a identificar os elementos textuais, padronizar a forma de estudo desses textos e ajudá-los a refletir sobre as narrativas estudadas, identificando aquilo que havia sido exposto na parte teórica.

Como o trabalho foi dividido em dois momentos, no primeiro deles, que foi a explicação do conteúdo sobre alguns elementos linguísticos como a ambiguidade, os pressupostos, os subentendidos, os implícitos textuais, a polissemia, entre outros, os alunos tiveram uma reação nada animadora, mostrando até certo desinteresse pelas aulas, chegando a apresentar certa dificuldade em assimilar as explicações.

Um dos alunos chegou a dizer que não era necessário perder tempo com isso, pois, certamente, não seria útil para eles, já que não usariam no cotidiano. O segundo momento foi voltado para a explicação sobre o conceito do que é o texto humorístico, as características desses textos, sua composição e estrutura, bem como a questão da coesão e da coerência, cujo intuito era, além de passar à turma o conteúdo teórico, desconstruir também a visão que considerava a inutilidade de se estudarem esses textos e demonstrar sua aplicabilidade. A junção da teoria com a prática foi fundamental para fazer os alunos perceberem o quão interessantes são os textos humorísticos, muito além do risível.

Dadas as instruções sobre o roteiro do trabalho a ser desenvolvido, os alunos foram convidados a trazerem para a aula seguinte textos, piadas que eles conhecessem ou gostassem. Não foram delimitados temas específicos, tamanho ou tipo de piada, ou nenhum outro critério de seleção, pois o interesse era detectar que tipo de piada agrada mais os jovens e adolescentes ou quais são os tipos mais comuns. Os alunos trouxeram os textos e foram selecionados alguns para o trabalho e análise em sala. E foi exatamente assim que *a árdua batalha começou e os valentes guerreiros empunharam seus escudos da curiosidade, “armaram-se” com muito entusiasmo e “travou-se o duelo” entre o “profano” e o “moral”¹.*

3.3 A análise das piadas trabalhadas em sala de aula

Trabalhar com textos humorísticos, ao contrário de ser um meio de fuga à proposta escolar, torna-se exatamente um ato prazeroso e pode transformar a realidade da atitude apática dos alunos em relação ao aprendizado de LP, já que eles são seres curiosos, dinâmicos e ativos diante de suas descobertas (GIL, 2011). Além disso, podem ser utilizados vários recursos tecnológicos para se trabalhar os textos humorísticos, tornando as aulas muito mais dinâmicas e atrativas para eles. Assim transcorreram as aulas de língua portuguesa no quarto bimestre letivo, no ano de 2014, nas duas turmas mencionadas anteriormente. É muito importante mencionar que a contribuição e o crescimento não foram apenas para o aluno, mas também para o professor. Aliás, é nele que deve começar o processo de motivação, pois é o seu entusiasmo e a sua maneira de lidar com esse tipo de textos que fará com que os alunos se interessem e acolham o humor de forma positiva.

¹ Essa foi a fala de uma aluna que, empolgada com o trabalho disse que não seria uma aula, mas uma batalha entre o esses dois paradoxos.

Foi elaborada uma ficha contendo questões para a análise dos textos humorísticos. Porém, o que mais chamou a atenção é que os alunos absorveram, perfeitamente, o que foi sugerido e responderam ao estímulo do professor de forma significativa. Uma das questões primeiras da ficha era para dizerem qual o motivo que os levou a escolher aquela(s) piada(s) selecionada(s) para as aulas. Noventa por cento dos alunos disseram que ouviram ou contaram essa piada em casa ou já tinham ouvido antes. Isso reforça o fato da indissolubilidade da vida extraescolar com o ambiente em sala de aula, sobre estudar textos que sejam familiares aos alunos e que podem trazer melhores resultados quando se tem elementos que fazem parte do cotidiano deles.

Durante os trabalhos, conforme o diálogo ia se desenvolvendo entre a turma e o professor, ficou claro que os alunos escolhiam as piadas pelo tema, dando preferência aos estereótipos sociais mais recorrentes nos textos humorísticos, como as piadas de loiras, português, bêbado e políticos. Entretanto, no decorrer das análises os alunos se surpreenderam quando descobriram que é possível mudar o foco do humor da piada, desviando o olhar da questão ideológica, dos estereótipos e do senso comum para ater-se aos fatores linguísticos que são determinantes no desfecho do riso.

Os alunos conseguiram perceber, por exemplo, que apesar de haver uma atenção muito maior voltada para a parte superficial da piada, a parte explícita, que é, justamente, a exposição de determinados tipos sociais, da veiculação de discursos proibidos socialmente, da deturpação de valores e crítica, existem outros elementos relevantes, cuja ausência ou substituição poderia comprometer o sentido do humor. É o caso, por exemplo, da escolha vocabular. Escrever um texto não é tarefa fácil. Toda produção textual possui sempre objetivos claros e específicos, ou seja, quem as produz tem sempre em mente um público e um efeito a serem alcançados.

Na comunicação, no entanto, o principal suporte é a escolha do vocabulário, pois uma vez adotado um vocabulário inadequado ou ineficiente todo o produto desse trabalho poderá ficar comprometido inicialmente, não alcançando sua meta. É necessário, premeditadamente, saber aquilo que se pretende transmitir e selecionar os recursos linguísticos adequados, caso contrário, poder-se-á obter resultados muito diversos daqueles almejados. Vale lembrar que essa tarefa não é tão simples e por ser relevante exige muito esforço e responsabilidade por parte do autor.

Há uma questão importantíssima que não pode ser ignorada ou esquecida e precisa ser considerada pelo professor de língua portuguesa a respeito das piadas, que é o fato de serem textos de domínio público, sem autores definidos ou explícitos. Na verdade, as pessoas vão reproduzindo as piadas e assumem sua autoria no momento da reprodução da mesma. Para que alguém seja considerado, por exemplo, o autor de uma piada, basta que este escolha um texto que não seja conhecido no ambiente no qual ela a reproduz. O seu sucesso ou a sua relevância se escondem exatamente atrás do anonimato, pois elas vêm não se sabe exatamente de onde, nem quem as criou, ou, ao menos, o contexto e a situação em que foram elaboradas. Essa condição faz com que as pessoas tenham autonomia em interferir na estrutura ou estilo da piada, imprimindo nela sua marca estilística, principalmente quando se trata da reprodução oral de piadas, na qual é possível que o professor, possuindo a sensibilidade adequada e a formação suficiente, perceba as marcas pessoais de quem a narra, diferenciando-a, principalmente quando se é possível compará-la a outras versões ou ao texto considerado original (GIL, 2011).

Nesse caso, considerando a liberdade que os falantes podem alterar ou incrementar o texto da piada ao recontá-la, dada sua origem anônima, foi possível detectar ainda uma questão muito pertinente com os estudos sociolinguísticos, que é a identidade social do falante. Labov (2011) salienta a diferença estilística no falar de homens e mulheres, demonstrando como eles se comunicam de forma diferente. As mulheres se diferenciam dos homens pelo estilo de fala, ao se preocupar com a maneira de dizer as coisas. Elas parecem se preocupar mais com a fala e com aquilo que devem dizer e como devem dizer. É importante lembrar também as influências dos chamados “tabus” linguísticos, ou seja, das expressões ou palavras que são consideradas inadequadas o seu uso por mulheres ou mesmo as próprias falantes hesitam em fazer uso de tais expressões, (PRETI, 2000).

Durante o período de estudo das piadas, aproveitando o momento da reprodução oral desses textos, ocorreu um fato curioso. Uma piada foi contada em uma sala por um aluno e em outra sala por uma aluna. A piada era exatamente a mesma, mas a maneira como ela foi contada deixou claro que há uma grande preocupação das mulheres na escolha do estilo e do vocabulário utilizado.

A piada não está inserida no grupo de textos com teor imoral ou com linguajar chulo ou agressivo, indecoroso, trata-se até de uma piadinha inocente, porém duas expressões em especial chamaram a atenção, pois houve um cuidado tanto na questão lexical, como também

na própria postura deles ao contarem a piada. O aluno mais despojado e sagaz contou a piada naturalmente, em alto e bom tom, fazendo a turma inteira rir, apesar da simplicidade do texto. A aluna, no entanto, começou a contar de uma forma mais recatada e realizou pausa na hora de pronunciar os vocábulos em questão, como se estivesse pensando no que diria, e mesmo tendo escolhido palavras que amenizassem a ideia, parecia ainda se sentir constrangida. Seguem as duas versões:

O pintinho sem cu (versão masculina da piada)

Era uma vez um pintinho, que nasceu sem cu..., um dia ele foi peidar e explodiu!

O pintinho sem bumbum (versão feminina da piada)

Era uma vez um pintinho, muito bonitinho, mas ele tinha nascido deficiente, não tinha bumbum. Um dia ele foi soltar um pum e “pum”... explodiu!

Note-se que a mensagem é a mesma, em seu sentido geral. A história é mesma, refere-se ao mesmo pintinho. O menino utiliza um vocabulário totalmente despreocupado e recorre a palavras consideradas desrespeitosas em nossa língua como a versão popular ou vulgar da palavra ânus e a forma mais despojada do verbo peidar (soltar gases). A menina, no entanto, recorre à palavra *bumbum*, que parece se apresentar de forma mais amena, mais infantil ou polida e opta pela expressão “*soltar um pum*”. Isso pode soar proposital quando se percebe a ocorrência da onomatopeia “pum”, representando o ato de explodir e talvez seja um jogo de palavras. Outro detalhe que fica evidente é que o menino foi mais sucinto e objetivo no seu discurso, sem rodeios ou floreios, enquanto que a menina apresentou um texto com mais *confetes*.

Couthard (1991), afirma que as mulheres vivem mais isoladas, preocupam-se mais com a educação dos filhos e por isso optam por expressões consideradas de prestígio, preservando a forma conservadora da língua. Assim, bem como as peças de sua vestimenta e sua observância com a moda, elas escolhem bem as palavras e, em muitos casos, pode-se dizer que as mulheres falam de acordo com a classe social a que elas gostariam de pertencer, isto é, a classe média alta ou classe alta. Na comparação entre a mesma piada contada por um homem e uma mulher, ficou evidente a diferença de estilo de cada um, bem como a preocupação da mulher ao citar determinados vocábulos. Para ela, a escolha lexical é

fundamental e proposital, evitando as expressões consideradas ofensivas ou imorais para uma mulher.

A seguir, estão transcritos alguns dos textos analisados em sala de aula, piadas que os alunos trouxeram. Cada piada transcrita será acompanhada de comentários sobre os resultados encontrados e sobre a reação dos alunos diante dessas análises, demonstrando o quão surpresos ficaram. A seleção das piadas que constam neste trabalho foi feita considerando os elementos principais a serem analisados, a temática, a presença do “gancho” ou “gatilho” etc. Lembrando que foram lidos e comentados vários outros textos, porém, esses foram os escolhidos, dentre os diversos temas, para serem representados neste estudo sobre a importância do texto humorístico para o ensino de língua portuguesa em sala de aula, até mesmo como uma forma de introduzir um material diferente na realidade escolar e no dia a dia dos alunos escolhidos para participarem da pesquisa.

Piada n° 01 - O fumante

Numa festa, o secretário do presidente pede-lhe um cigarro. O presidente comenta:

- *Não sabia que você fumava.*

- *Eu fumo, mas não trago*

- *Pois devia trazer.*

Ao indagar os alunos sobre essa piada, eles foram unânimes em relatar de antemão, a questão de que o humor no texto citado não era tão forte, por não ser uma piada tão risível. No entanto, gostaram mesmo assim, por se tratar de um texto diferente e de cunho “menos sério” que os demais textos, geralmente, estudados em sala. Passamos então à análise. Foi feita a leitura da piada, discutido seu conteúdo e entramos na sua parte linguística. Assim, os olhos dos alunos começaram a se abrir em relação à escolha vocabular.

O sentido do humor nessa piada só foi possível porque houve uma escolha precisa dos vocábulos. Ou seja, o riso está garantido devido à forma dos verbos **trazer** e **tragar** terem, na primeira pessoa do presente do indicativo, a mesma grafia. Quando o secretário responde “*eu fumo, mas não trago*”, ele se refere ao ato de *tragar*, porém o presidente entende como se fosse o verbo **trazer**. A escolha aí deve ser muito precisa, e a frase necessita apresentar essa única estrutura, pois se o secretário dissesse, por exemplo, “*eu fumo, mas não costumo tragar*”, ou usasse o verbo *tragar* em qualquer outra forma de conjugação, fosse de número,

tempo ou pessoa, jamais ocorreria essa confusão. Após essas observações, os alunos passaram a perceber então a importância da escolha vocabular, ficou clara para eles, a questão da ambiguidade e como esta pode comprometer um ato comunicativo, e passaram a olhar os textos humorísticos de forma diferente.

A sociolinguística considera o contexto comunicativo. No caso da piada, há alguns elementos que podem ser levados em conta, o que torna o texto ainda mais peculiar; considere-se que em uma análise mais ou menos superficial fica meio estranho o secretário pedir um cigarro ao presidente, por causa da posição hierárquica. O fato de estarem em uma festa, todo o clima festivo que os cerca, provavelmente por se tratar de uma festa mais formal, já que estão presentes presidente e seu secretário, tudo isso pode abrir precedentes para levar o texto à dupla interpretação, pois como afirma Gil (2011), esse tipo de estudo tem como preocupação principal analisar qual a relação entre os elementos linguísticos do texto com o riso e a relação destes com o contexto sócio-histórico e cultural.

Feita a primeira análise da piada, os alunos começaram a se empolgar e entraram no espírito do “jogo”, buscando, por si só identificar em que residia o humor nas piadas, e não foi difícil começarem a perceber o que garantia o sentido do humor. Os alunos comentaram que nunca tinham parado para pensar sobre isso e que sempre, ao lerem ou ouvirem uma piada avaliavam apenas a ideia superficial, o risível explícito, e não imaginavam que um detalhe poderia alterar todo o sentido do texto.

A alteração de um vocábulo ou a sua escolha equivocada ou inadequada, certamente, comprometeriam o objetivo inicial e impediriam que um texto fosse considerado humorístico. Disseram que a partir dali começariam a ver as piadas sob outra ótica e que certamente, ao lerem ou ouvirem uma anedota a primeira reação seria a de analisar qual era o “gancho” que permitia o sentido do humor. Na piada citada, o gancho se dá pela forma *trago*, que serve tanto ao verbo *trazer*, como ao verbo *tragar*.

Piada nº 02 - No cemitério

Duas pessoas caminham lendo lápides em um cemitério, quando se deparam com os seguintes dizeres:

“AQUI JAZ UM POLÍTICO E UM HOMEM HONESTO”.

- Nossa, que povo pão-duro! - disse uma delas - Enterrou duas pessoas em um mesmo caixão.

Ao indagar aos alunos sobre essa piada, pedindo que relatassem qual era o elemento que causava o sentido do humor, eles foram unânimes e certos em afirmar que o gancho, nesse texto se dava pela ocorrência da conjunção aditiva *e*. Na frase “aqui jaz um político e um homem honesto”, é exatamente a conjunção *e* que provoca o sentido do humor. Apesar de haver, no texto dessa piada, uma forte crítica aos políticos, questionando sua honestidade e sua conduta, o humor poderia ser enfraquecido no sentido do senso comum, porém não perderia sua ocorrência se houvesse a mudança da palavra político por qualquer outra denominação profissional ou ocupacional da pessoa ali sepultada. Se a frase fosse “aqui jaz um advogado e um homem honesto”, ou “aqui jaz um padre/professor/médico e um homem honesto”, ou qualquer outro vocábulo, ainda assim a ambiguidade se faria presente. No entanto, é muito importante destacar que, ideologicamente, políticos estão associados diretamente à corrupção, são quase expressões sinônimas, considerando a realidade da conduta dos políticos em nosso país. Porém, um elemento complementa o outro, sendo quase impossível dissociar a questão ideológica, que compõe o sentido do humor, reforçado pela escolha vocabular.

Quando dizemos “um político e um homem honesto”, pode-se entender como uma adição, como se fossem duas pessoas distintas, que comumente não poderiam ser enterradas na mesma sepultura. Daí o espanto da pessoa que lê a lápide: achar que havia duas pessoas enterradas no mesmo túmulo. Se a construção da frase tivesse ocorrido, por exemplo, da seguinte maneira “aqui jaz um político (professor, engenheiro, bancário, etc.), um homem honesto”, ou “que era um homem honesto”, certamente não haveria margem para que a interpretação fosse direcionada ao equívoco. Lembrando que os próprios alunos citavam as possibilidades dessas construções, evitando a ambiguidade, já que foi pedido que eles reescrevessem, ou sugerissem uma construção, ou talvez se possa dizer a desconstrução do texto, evitando a ambiguidade. Foi muito fácil fazê-los perceber em que consistia o gancho para o desfecho risível da piada.

Piada n° 03 – O bêbado no consultório

O bêbado chega ao consultório e, quando o médico percebe seu estado de embriaguez, vai logo lhe dizendo:

- *Eu não atendo bêbado!*

- *Então quando o senhor estiver bom eu volto* – Diz o bêbado.

Dentre as piadas apresentadas pelos alunos, ficou evidente que um dos temas mais recorrentes era as que tinham bêbados como protagonistas; depois, seguiam-se as piadas sobre loiras. As piadas sobre bêbados parecem representar um tipo de humor menos agressivo, mais inocente, talvez por se tratar de uma característica não permanente das personagens. A pessoa realiza determinadas ações ridículas sob o efeito do álcool, e somente sob esse efeito, cessando depois de passado o estado de embriaguez. Nesse caso, tomando por base as teorias sobre as piadas e os tipos sociais, nos quais são ridicularizados determinados “defeitos” físicos (vale lembrar que esses defeitos são assim considerados para o humor), na maioria dos casos são situações ou características quase irreversíveis, colocando as pessoas que são pertencentes a esses grupos como se estivessem “condenadas” a conviver com esse estigma social definitivamente, pois há tipos sociais irreversíveis, por exemplo, pessoas calvas, homens japoneses e afrodescendentes, cujo órgão genital é motivo de piada, pessoas com deficiências físicas (inclusive nas piadas, geralmente não se utiliza o termo deficiente, e sim aleijado, uma palavra cuja carga semântica apresenta um sentido muito pejorativo e agressivo) e tantos outros tipos, que são, constantemente, alvo de escárnio e de chacota (POSSENTI, 2010).

No caso da embriaguez, apesar de ser uma situação preocupante, em que nos casos crônicos é necessário um tratamento mais rigoroso, socialmente, parece ser um tema menos agressivo, o que pode explicar sua preferência como texto humorístico. As piadas com bêbados, por mais agressivas que se apresentem, ainda parecem ser mais ingênuas e sutis.

No entanto, ao analisarmos a piada sobre o bêbado no consultório, o efeito humorístico ocorre de maneira tão suave e tão inocente que é impossível não chegar ao riso. É interessante porque se pode perceber e visualizar a postura do paciente, bêbado, tão seguro de si diante da fala do médico. Ao imaginarmos a cena, podemos ficar pensando na reação do médico diante da petulância e, ao mesmo tempo, da inocência do bêbado. Alguns alunos chegaram a comentar isso em sala: o médico, parado, atrás de sua mesa sem reação, ou talvez tivesse rido dela, ou se enfurecido, ou algum outro tipo de reação que ele pudesse ter. Apesar de sabermos que se trata de uma piada, que pode ou não ser fruto de uma situação real, baseada em fatos reais, sabe-se que é totalmente possível e nada surpreendente para uma pessoa que está sob o efeito de uma substância alcoólica.

Voltando à análise linguística do texto, o mais importante é que a fala do médico foi determinante para causar o efeito ambíguo da situação. Talvez a elipse utilizada por ele, que omitiu o termo *paciente* ou *pessoas*, pois certamente se ele tivesse dito “eu não atendo pacientes bêbados” ou “pessoas bêbadas” a ambiguidade não ocorreria e a narrativa não passaria apenas de uma situação corriqueira. Nesse caso, mais uma vez a construção linguística da piada, juntamente com o estereótipo do bêbado, foi determinante na produção do sentido do humor no texto.

Piada n° 04 - Bêbado no Velório

O bêbado está de pé diante do defunto, quando um desconhecido se posta ao lado do caixão, olha para todas as pessoas que estão no velório e pergunta:

- *Quem é o morto?*

O bêbado aponta o dedo e diz:

- *É aquele ali que tá deitado.*

Para aproveitar a situação anterior, segue mais uma piada sobre bêbado. Nesse caso, a cena ocorre em um velório e, mais uma vez, há dois elementos mais relevantes que o fato de se tratar de um bêbado: o contexto em que ocorre a situação e a forma como foi construído o diálogo. A figura do bêbado é sempre uma figura caricata, apresentando-se sempre como o bobo da corte, ou seja, um ícone do humor, através do qual é possível criticar qualquer tipo ou instituição. No entanto, essa figura, na piada em questão, surge apenas para reforçar o sentido do humor, mas, na verdade, não é a figura do bêbado especificamente que provoca o risível na piada.

É preciso levar em conta o contexto do velório. A resposta do bêbado à pergunta do homem parece óbvia, quando se leva em consideração que um defunto só pode estar deitado, pois não é comum realizar um velório no qual o morto esteja em outra posição que não seja essa. No entanto, essa resposta é possível devido à maneira como é feita a pergunta. Há um elemento fundamental no texto, a palavra *desconhecido*, ou seja, ela reforça o fato de que a pessoa não sabe de quem é o velório, e sua pergunta diz respeito a informações sobre o morto, como por exemplo, seu nome, parentesco, enfim, uma identificação para que o homem pudesse saber como se portar, verificar se poderia ser um amigo ou até mesmo parente. A sua pergunta é entendida pelo bêbado como se a pessoa não tivesse percebido, dentre os presentes

no velório, quem era o morto. Por isso a resposta do bêbado surge tão imediata, pois o texto fala claramente que ele *aponta o dedo* e diz que *o morto é aquele que está deitado*. Ora, além da questão vocabular que revela a possibilidade da ambiguidade, da interpretação equivocada da pergunta, as palavras no texto nos direcionam para a visualização da cena e dão mais veracidade aos fatos, pois quando se esclarece que o bêbado aponta para o morto, isso só reforça sua resposta e a ideia de que, em sua concepção, o desconhecido não tinha se dado conta de que o morto era a pessoa que estava deitada (pela lógica, no caixão).

Piada n° 05 – O bêbado no inferno

O bêbado chega no inferno e grita:

- *Cadê as mulheres nessa bodega?*

O diabo responde:

- Aqui não tem nenhuma mulher.

E o bêbado questiona:

- *Pô, então onde você arrumou esses chifres?*

Mais uma vez, temos um típico exemplo de piadas com bêbado. No entanto, esse é um texto ilustrativo que reforça o conceito da infidelidade feminina. É interessante notar como o autor da piada foi buscar um contexto e um ambiente tão inusitado para construir seu texto; o inferno. Em primeiro lugar, o inferno não é um lugar muito apreciado e nem utilizado com frequência em textos que não tenham por objetivo a doutrina catequética, cunho religioso etc. Assim, a ideia do inferno é resgatada na produção dessa piada justamente porque era necessário um personagem que possuísse características que se encaixassem no padrão pretendido para o desfecho humorístico. Existe uma imagem preestabelecida sobre o conceito da figura do demônio, que inspirado na figura dos faunos gregos, apresenta pés e chifres de bode ou algo semelhante, e nesse caso, o sentido do humor reside exatamente na sua característica principal: seus córneos. Em nossa cultura, quando uma pessoa sofre uma traição, é vítima de um caso de adultério, dizem-se que ela “levou chifres”, ou que alguém lhe “botou chifres”. Existe ainda outro fator, o papel de corno (de vítima de traição) é mais comumente associado ao homem, isso não para denegrir a sua imagem, mas sim, a da mulher,

mais uma vez reforçando o pensamento machista. Ora, se a mulher trai seu esposo, logo, ela é considerada promíscua, adúltera, infiel e inescrupulosa.

Então, ao perceber os chifres no demônio, o bêbado, questiona onde estariam as mulheres, onde estavam as mulheres, pois para ele, se o diabo tinha chifres, pela lógica cultural, ele tinha que ter se relacionado com uma mulher e ela lhe havia “colocado os chifres” que agora ele ostentava. É importante ressaltar também como todos os demais elementos referentes à figura do diabo são ignorados; certamente, a ideia de estar no inferno e diante do próprio chefe infernal representaria uma situação totalmente desesperadora e aterrorizante para qualquer ser humano. No caso do personagem em questão, talvez pelo fato do efeito do álcool, mas não apenas por isso, sua atitude se revela muito tranquila frente ao “chifrudo”, a ponto de ironizar e fazer piada com a própria situação.

Piada n° 06 - Cerveja é um Veneno

O pastor evangélico discute com um bêbado:

- *Você sabia que cerveja é um veneno?*

- *Bobagem! Hic... A água já matou muito mais gente!*

- *O quê! Você ficou maluco?*

- *Não. Você sabe quantas pessoas morreram no dilúvio?*

Outra vez temos encontramos o personagem, em seu estado de embriaguês avançado. O leitor, certamente ao perceber, no título da piada que se trata de um bêbado, automaticamente, essa figura já o levará ao riso, mesmo sem saber o que o personagem vai “aprontar”. Para reforçar o risível na imagem do bêbado; o que produz o humor é a resposta inusitada diante de uma pergunta quase óbvia. Por isso, analisar o contexto da piada é essencial, pois há os elementos textuais que direcionam para o sentido da situação na qual ocorre o diálogo. Pelo fato de aparecer no texto as palavras “pastor” e “evangélico”, teoricamente isso se opõe à imagem do alcoólatra, pois como se sabe, a maioria das doutrinas protestantes condena qualquer tipo de vícios e o consumo de bebidas alcoólicas. O interessante é que as proibições doutrinárias são todas fundamentadas em textos bíblicos, os quais servem como parâmetros para as religiões cristãs. E o bêbado astutamente utiliza-se exatamente de um episódio bíblico para justificar sua resposta e argumentar contra a posição do pastor.

O dilúvio é um evento bíblico e foi realizado por Deus, exterminando a humanidade e preservando apenas a família de Noé, uma figura considerada de conduta irreparável diante do Criador. Se analisarmos a resposta do bêbado, há uma interpretação equivocada em relação ao pastor. Quando o bêbado diz que a água matou muito mais pessoas, o pastor interpreta como se fosse a água para consumo, em substituição à bebida alcoólica. A resposta do bêbado então surge surpreendente para o pastor e para o leitor, pois não se pode considerar que ele esteja errado, principalmente para o pastor que acredita piamente na Bíblia e seus relatos; dessa forma o bêbado se sai muito bem em sua justificativa e esta provoca o sentido de humor no texto.

Piada n° 07 – A mulher e o vampiro

Batem na porta. De dentro, uma voz feminina pergunta:

- *Quem é?*

A outra voz respondeu:

- *É um vampiro!*

- *E o que você quer?*

- *Eu quero sangue!*

- *Ah... então passa dia 27.*

Há algumas piadas que exigem uma leitura mais atenciosa e, muitas vezes, não apresentam uma risibilidade tão forte. Mas é possível identificar que o cômico está presente nos textos humorísticos e o contexto inusitado ou inesperado, aquele “gancho” defendido por Possenti (2011), provoca surpresa no desfecho da história e produzem o humor. Existem algumas situações que devem ser consideradas, pois nem sempre as piadas são textos comuns, com cenas reais ou ao menos corriqueiras. Muitos textos de piadas são até considerados ilógicos ou surreais, apresentando seres mitológicos, imaginários, lendários ou religiosos, principalmente muitos deles considerados tabus. É o caso da piada sobre o inferno e sobre o diabo. Nesse caso há alguns elementos curiosos. Primeiro, o texto diz claramente que uma voz **feminina** responde lá de dentro; ora, qual a intenção de especificar que se trata de um personagem feminino? E a resposta fica óbvia no desfecho da piada, pois a palavra feminina associada à fala da mulher pedindo para o vampiro passar no dia 27 esclarece toda a construção da piada. É curioso perceber, por exemplo, que uma cena incomum é a mulher dialogando tranquila e pacificamente com um vampiro. Pois certamente, considerando a

realidade, se um vampiro batesse à porta de uma mulher, ela certamente teria uma crise nervosa.

Outro fato: quando o vampiro diz que quer sangue, ele está se referindo a morder o pescoço da sua vítima e sugar-lhe o sangue. No entanto, o que provoca o sentido do humor é que a mulher entende de outra forma ou é possível que ela apenas tenha se atentado ao pedido do vampiro que era o desejo por sangue, sem especificar como. E então se revela o final surpreendente, neste caso determinado por um implícito: a mulher manda o vampiro retornar dia 27 porque era nesse dia que ela estaria em período menstrual, podendo, então, fornecer o produto (o sangue) ao vampiro. É óbvio que se o leitor não se atentar para os detalhes implícitos na construção do texto, talvez não consiga identificar qual é o mecanismo capaz de provocar o humor no texto.

Piada n° 08 - Papai Saiu

O homem vai cobrar uma dívida na casa de um devedor. Chegando na casa ele dá de cara com o filho do sujeito:

- *Cadê seu pai, menino?*
- *Papai saiu. Foi a um enterro.*
- *E ele vai demorar?*
- *Eu acho que vai. Ele foi dentro do caixão!*

Essa piada possui uma estrutura interessante, abordando, em tão curto texto vários sentidos ou vários estereótipos sociais. Gil (2011) fala das peculiaridades das piadas e também de alguns padrões linguísticos essenciais capazes de tornar um texto humorístico. Ela cita, além da coesão, a informatividade, a situacionalidade, a intencionalidade e aceitabilidade, tudo isso centrado no usuário, que diz respeito à situação de comunicação em que ela ocorre. A coesão trata da parte estrutural da piada, enquanto texto, a organização das frases, palavras etc.; a informatividade tem a ver com o conhecimento prévio sobre determinado assunto e a informação que se quer transmitir com esse texto; a situacionalidade, com a situação em que o processo comunicativo ocorre; a intencionalidade têm a ver com a intenção do autor, e a aceitabilidade diz respeito ao tema, e como é essa aceitação na sociedade.

Considerando esses fatores pode-se analisar essa piada extraindo dela vários elementos linguísticos e sociais. Em primeiro lugar, ao concluir a leitura do texto, talvez o leitor possa se

perguntar: por que o menino não diz diretamente que seu pai morreu? Um fato curioso é o menino estar tranquilamente em casa e não no enterro de seu pai. Isso pode ser explicado pela própria inocência da criança, que talvez não tenha a maturidade para se posicionar diante da morte do pai e encara isso apenas como mais um evento cotidiano. Segundo, o autor recorre a uma prática comumente utilizada por muitos pais, quando chega algum cobrador em sua casa: instruir o filho a dizer que ele não está em casa. Terceira situação que pode se inferir do texto é que o menino não tem noção da situação e não está nem um pouco preocupado em dizer que o que aconteceu com seu pai e certamente se o cobrador se desse por satisfeito em saber que o homem não estava em casa, e fosse embora, o menino não lhe contaria que o pai havia morrido. A notícia só é dada no texto porque o homem insiste em questionar e saber detalhes sobre a volta do pai.

É interessante que mesmo após o diálogo, se o menino dissesse que o pai tinha morrido, certamente isso soaria como uma resposta chocante e não cômica. No entanto, é a forma como o menino dá a notícia que provoca o humor, ou seja, ao afirmar que *provavelmente* o pai demoraria por ter ido *dentro do caixão*, isso demonstra a reação dele diante da morte do pai e ao mesmo tempo o tratamento quase irônico dado ao fato. Além disso, fica claro no texto como o “gatilho” desorienta a sequência que o texto vinha trazendo em si e subverte seu final, apresentando um desfecho surpreendente, inesperado para o personagem (o cobrador) e para o próprio leitor.

Piada n° 09 - Convidado do Canibal

O canibal convida um amigo para jantar na casa dele. Após começarem a comer, o convidado comenta:

- *Uau! Esse ensopado da sua esposa é delicioso!*

- *Eu sei* - responde o anfitrião. - *Certamente vou sentir saudades dela...*

Piada n° 10 - Canibais Almoçando

Dois canibais estavam almoçando, quando um comenta:

— *Cara, não aguento mais minha sogra!*

O outro responde:

— *Então come só a batatinha.*

As duas piadas, tendo como tema o canibalismo, refletem também duas situações nas quais a ambiguidade determina claramente o sentido do humor. Se analisarmos a segunda piada, fica claro também a questão do conceito que se tem em relação a imagem da sogra, que é sempre vista como uma pessoa insuportável, como alguém cuja convivência com o genro é caracterizada pelo desafeto. O canibalismo é uma prática chocante para nossa cultura e hoje, praticamente inexistente.

No entanto, assim como a piada sobre o inferno, esse elemento parece se tornar irrelevante diante do risível que a piada provoca. Na piada n° 09 , quando o amigo elogia o ensopado ele quer dizer que a mulher do anfitrião cozinha muito bem, que ela fez um belo ensopado, no entanto, o elogio confirma a prática canibal e revela que na verdade o ensopado é feito com a carne de sua esposa. No segundo caso, na piada n° 10, o homem diz que não aguenta mais a sogra, porém sua reclamação está relacionada com a convivência, no dia a dia, o outro, entretanto entende que ele está reclamando que não quer comer a carne da sogra, que está no prato, e o orienta a comer apenas as batatas.

Piada n° 11 – O político no avião

Um famoso político viajava de avião quando a aeromoça chega e pergunta:

- *O Senhor deseja beber alguma coisa?*

Ele indaga:

- *Quais as opções?*

E ela responde:

- *SIM ou NÃO.*

Essa piada, aparentemente inocente ou simples, está carregada de duplo sentido, de ambiguidade, de ruídos na comunicação e assim por diante. Ao ser indagado se aceitaria beber alguma coisa, ele pergunta quais as opções. No entanto, a pergunta do político se refere ao tipo de bebidas dentre as quais ele poderia optar por uma. No entanto, a aeromoça entende, equivocadamente, que a pergunta do homem se refere a quais opções de resposta. E ela prontamente diz SIM ou NÃO, ou seja, as opções que ele tinha era aceitar ou não beber. Simples assim. Se o homem, por exemplo, tivesse lhe perguntado “que tipo de bebida você tem”, ou “o que tem para beber”, ou “quais as opções de bebidas”, certamente não abriria

margem para a interpretação equivocada e o diálogo não seria mais um texto humorístico e sim um diálogo corriqueiro entre uma aeromoça e um passageiro. É importante questionar por que o personagem é um político? Não poderia ser qualquer outro profissional, empresário? É que há, implicitamente, porém, parece ser proposital, pelo autor da piada, uma crítica aos políticos, de que eles estão acostumados a viajar de avião, acostumados às mordomias, luxo, bebidas e outros tipos de “bajulações”.

Piada n° 14 – Ladrão 1

Papo entre amigos:

— *Imagine que ontem à noite um ladrão entrou lá em casa!*

— *Nossa! Ele levou alguma coisa?*

— *Se **levou**... **Levou** uma tremenda surra da minha mulher! Ela pensou que fosse eu que estava chegando.*

Observando o texto do ladrão, fica evidente que houve uma escolha proposital dos termos empregados no texto. O efeito polissêmico do verbo **levar** provoca o tom jocoso. Na narrativa o amigo cita o fato ocorrido na noite anterior. É interessante notar que a atenção aí não está voltada ao fato do susto, ou do risco de ter um ladrão em casa, o estresse gerado pela situação, nada disso. A atenção está voltada ao desfecho da piada. Se o autor da piada tivesse utilizado o verbo *roubar*, *furtar*, *subtrair*, certamente não haveria nenhuma possibilidade de se produzir a resposta que o amigo deu no texto. Caso isso tivesse ocorrido, o texto não passaria, mais uma vez, de um diálogo entre dois amigos que narraria um fato desagradável, ocorrido em sua casa. No entanto, o sentido polissêmico do verbo **levar** garante o humor.

O verbo **levar** utilizado na piada pode significar o ato de *carregar*, *transportar*, *conduzir*, *transferir de um lugar para outro*, *trazer consigo*; no sentido mais popular e conotativo, pode significar o ato de ser sofrer uma ação. Por exemplo, *levar uma surra*, no texto não poderia ser substituído por *apanhar*, ou *ser espancado*, ou qualquer outro termo equivalente, porém sem a possibilidade desse tipo de interpretação. Foi trabalhado também o pressuposto presente na piada. Ora, quando o marido diz que a mulher bateu no ladrão porque pensava que fosse seu marido é possível inferir que ele costumava chegar muito tarde em casa; que ela era (ou estava) muito brava com ele; que, ao chegar em casa, o clima,

certamente, era de tensão e conflitos, e assim por diante. O fato ocorrido com o ladrão revela como estaria a relação do casal.

Piada n° 15 - O português conformado

Joaquim mandou trazer a Maria, para o Brasil. Abriu um boteco na praça Mauá e colocou a Maria para morar lá perto. Um belo dia chega seu irmão, também português, assustado, esbaforido e diz:

- JOAQUIM!! JOAQUIM JOSÉ!!! Tua esposa está na tua casa na cama com outro cara!!! Corra lá!

Joaquim sai furioso, jurando mil coisas à pobre Maria. Pensava consigo que agora resolveria tudo. Ia pegar sua garrucha e acabar com isso de uma vez!!! E lá se foi o gajo. Cinco minutos depois ele volta feliz e contente...

- Joaquim! Você matou o cara!?!?

- Não!- responde ele - Você se enganou... Não era outro cara, era o mesmo de sempre!!!

Na piada do português, houve uma reação interessante por parte dos alunos. Ao discutirmos esse texto surgiram comentários do tipo que ele era um “corno manso”, um “chifrudo conformado”, um “frouxo”, etc. Após a euforia, passamos à análise, propriamente dita. E o julgamento se desconstruiu. Os alunos voltaram, então, a atenção aos elementos constitutivos, linguísticos do texto e perceberam mais uma vez a importância da construção da piada. Uma aluna fez um comentário interessante: disse ela que estava surpresa pela capacidade que o vocabulário tem de transformar uma situação tão constrangedora ou desagradável em um fato engraçado.

A atenção sobre a traição da mulher do português e da ideia da burrice do português é transferida para o desfecho do texto. Por exemplo, quando o irmão lhe diz que a mulher estava na cama com **outro** cara, o vocábulo **outro**, significa que a mulher estava com um homem que não era o seu marido. No entanto, o português interpreta que ela estava com um amante diferente. Isto é, ela já tinha um amante, o marido já sabia de sua traição, mas de forma cômica, ele aceitava, teoricamente, por ser um amante já conhecido dele. Quando escuta o termo *outro*, ele sai furioso porque pensa que a mulher havia trocado de amante. A prova disso é que ele volta radiante e vitorioso, de certa forma, aliviado, quando percebe que o amante é o mesmo. Nesse caso, uma simples palavra retira toda a carga moral do ato do adultério e o transfere para o elemento linguístico do texto.

Enfim, após o trabalho realizado com as piadas em sala de aula, ficou evidente que a turma foi muito receptiva em relação aos textos humorísticos e que houve um resultado positivo em relação aos temas, conteúdos do humor, pois ao iniciar as análises dos textos, houve um desvio da atenção do texto em relação ao tema ou ao discurso para se prender às questões linguísticas presentes nas piadas. A turma entendeu que a piada é um texto coerente e coeso, pois precisa obedecer às regras gramaticais, à ordem adequada das palavras para dar sentido ao texto e garantir a compreensão do texto, como um todo.

Alguns alunos disseram que a partir dessas análises nunca mais lerão piadas da mesma forma. Eles, ao ouvirem ou lerem uma piada, certamente serão impelidos a considerar as questões linguísticas, tentando identificar os vocábulos, expressões que garantam o *gancho* ou *gatilho* humorísticos e provoquem o riso. Foi importante também trabalhar as questões relacionadas aos preconceitos, os *tabus*, os estereótipos, pois os alunos perceberam que a escolha vocabular, a ocorrência da ambiguidade, os subentendidos, pressupostos e outros fatores linguísticos, determinam o humor presente no texto.

Durante a realização do trabalho com os alunos, houve um questionamento por parte de um aluno, até mesmo como um comentário aparentemente irrelevante, sendo debochado por seus colegas de sala. No entanto, após refletir sobre sua pergunta, veio-me à mente o seguinte pensamento: o que acontece depois da fala que provoca o riso? Como termina a história? Se parássemos para pensar o que viria depois, como seria? Geralmente a piada revela uma situação surpreendente, um final inesperado, mas será que realmente ali é o final da história? Portanto, para que isso ocorra, é necessário fugirmos da lógica e da realidade, pois se analisássemos o enredo de forma racional ou coerente, a história poderia ter algo depois do gancho que provoca o riso.

Por exemplo, no caso da história do bêbado no consultório, a piada acaba justamente com sua resposta inesperada. Mas se analisarmos a cena, tentando imaginar o final dessa história, qual terá sido a reação do médico diante de uma resposta tão inusitada? Terá rido também da situação, levando em conta o estado etílico do pobre paciente? Terá se irritado por perder tempo com um ser ridículo e sem noção, enquanto poderia estar desempenhando seu trabalho e atendendo outro paciente? Enfim, poderíamos chegar a várias conclusões. No caso da piada do bêbado no inferno, será que o diabo deixaria barato essa gozação e acharia graça de tudo ou será que o mestre das profundezas do mal iria punir o pobre visitante com as piores e mais demoníacas torturas infernais? Afinal, a piada possui essa capacidade de nos satisfazer

com algo inacabado e o que vem depois não importa. Importa o humor, importa a surpresa, importa rir de algo, ao mesmo tempo em que nos permite acessar um mundo no qual há possibilidades inexploradas, que dependem da criatividade e imaginação do próprio leitor, o qual poderá fornecer um final diferente para a piada, de acordo com sua preferência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos com textos humorísticos ganharam grande destaque e adesão nas últimas décadas, em que pesquisadores de diversas áreas voltam seu olhar e seus esforços para estudar e entender como se dá o processo do humor, como ele influencia a sociedade e como se relaciona com a realidade em que vivemos (GIL, 2011). Por esse motivo, após um breve passeio pela história da língua, pelas ciências que estudam a língua e suas particularidades, um sucinto olhar pela história do humor e algumas de suas facetas e, por último, uma reflexão resumida sobre a importância dos textos humorísticos no ensino de língua portuguesa em sala de aula, procuramos trazer à luz de teóricos da sociolinguística, da linguística textual, da própria análise do discurso, entre outros, a pesquisa realizada em sala de aula, com o objetivo de comprovar ou refutar a hipótese da importância desse gênero textual no ensino de LP.

Após a realização da pesquisa, foi possível comprovar que as piadas, os textos humorísticos, ao contrário do que se julga, muitas vezes, constituem um material de singular importância para o ensino de língua portuguesa e, se bem utilizados, podem, sim, ser significativos em sala de aula.

Outro elemento importante, ao estudarmos as piadas, é a capacidade em perceber sua estrutura linguística, ou seja, que são textos com uma estrutura definida, fruto de um trabalho feito com esmero e inteligência; não se trata de simples junção de frases aleatórias, justapostas sem sentido, mas sim de uma produção textual como qualquer outra, analisada, pensada e intencionada com objetivos específicos e claros por parte de quem as produz. Seu valor vai muito além do riso que provoca, do entretenimento e da comicidade, mas permeia o social e reflete a realidade situacional do homem, expondo seus medos, suas fraquezas e suas hipocrisias. Trata-se de um tipo de humor fundamentado em palavras, ou seja, embora possamos encontrar textos com animações, imagens, a piada é um texto essencialmente verbal (GIL, 2011).

Diferente do que geralmente se pensa, as piadas não surgem ao acaso (apesar de haver exceções em que um falante sem querer cria uma situação humorística ou um discurso, uma piada de forma coincidente, mas não é regra geral), mas trata-se de um texto intencional, criado para esse fim. Embora pareça que elas são textos com intuito apenas risível, que servem de entretenimento e fuga, há um conteúdo implícito, ou muitas vezes, até explícitos

nelas, os quais podem disseminar o preconceito, pois como afirmado neste trabalho, as piadas trazem consigo uma carga ideológica muito profunda, refletindo a imagem de determinados indivíduos, grupos ou categorias, que são ridicularizados por meio do humor. Assim, é possível que o próprio educador se valha dessa realidade para levar seus alunos a produzirem suas piadas, analisando a presença dos estereótipos, combatendo os preconceitos, mas acima de tudo, recorrendo aos recursos linguísticos discutidos neste estudo.

Gil (2011) chama atenção para outra constatação importante sobre as piadas: a maneira como elas estabelecem sua coerência. Nelas, a coerência difere dos demais textos, da ordem ou da construção arbitrária que se aplica a outras formas de discurso. Nas piadas, isso ocorre pela oposição, fugindo, muitas vezes, da construção lógica e “recomendável”, baseando-se na tese e antítese. Alguns elementos que, como explicados, atuariam como “erro” ou inadequação, nesses textos são bem vindos e até necessários para garantir o sentido do humor. É o caso do efeito polissêmico das palavras, da ambiguidade e das mudanças bruscas ou inesperadas de sentidos ou desfecho da situação, fazendo surgir os *ganchos ou gatilhos*.

Há, ainda que se considerar o caráter social da piada. Isto é, ela tem a capacidade de estabelecer interação entre os indivíduos, melhorando ou estreitando os laços interpessoais. Ao narrar uma piada, seja ela em grupo ou entre duas pessoas, ocorre um processo interacional, estabelece-se um diálogo e ajuda a aperfeiçoar as competências linguísticas dos falantes. A autora fala também sobre a capacidade do leitor/ouvinte de recuperar o sentido do texto, e esse resgate deve ser feito de forma instantânea, imediata, sem a necessidade de grandes reflexões, pois do contrário se perderia ou retardaria o efeito humorístico, (GIL, 2011).

A vantagem de se trabalhar com piadas em sala de aula, é o fato de se tratarem de textos curtos. Dificilmente se encontram piadas muito extensas, até mesmo porque precisam dar conta da retomada imediata do texto. Porém, embora sejam pequenas, as piadas apresentam praticamente todas as competências linguísticas exigidas em um texto. Além disso, ela está fundamentada em duas partes, a primeira, diz respeito ao antecedente, ou seja, a introdução do assunto, o direcionamento do leitor a um enredo, a organização do texto em geral, e a segunda, firmada no conseqüente, isto é, a mudança abrupta ou inesperada do texto. O leitor é direcionado a uma situação e imediata e surpreendentemente o desfecho ocorre de forma totalmente diferente daquela que o leitor esperava (GIL, 2011).

No entanto, o mais importante é perceber que as piadas não servem apenas como uma narrativa risível para ridicularizar um grupo ou determinados segmentos sociais, ao contrário, é justamente o combate a esse tipo de preconceito e de imaginário deturpado que deve ser o foco do trabalho com o gênero. É possível mostrar aos alunos que a questão linguística é muito importante para o sentido do humor, mais do que os estereótipos por si sós. De acordo com os exemplos citados neste trabalho, a alteração dos personagens ou dos tipos expostos, bem como a substituição dos termos linguísticos que equivalem aos “ganchos” certamente seria crucial para eliminar quaisquer possibilidades de risibilidade nos textos. Podemos tomar como exemplo as piadas referentes ao político ou ao português, nas quais, embora a escolha vocabular seja fundamental para a produção do tom jocoso, há uma carga ideológica muito forte sobre essas figuras, e sua imagem reporta, respectivamente, à ideia de corrupção e de *burrice*.

Com isso, fica evidente que encontramos nas piadas uma fonte perene de materiais para serem trabalhados nas aulas de língua portuguesa, garantindo uma participação, dinamismo e interesse maiores por parte dos alunos. Além disso, o ensino da gramática não ficaria comprometido, pois as piadas seriam apenas um meio para se ensinar gramática, pois um texto humorístico é composto de forma coesa e coerente, obedecendo aos princípios básicos de estrutura textual para garantir o sentido do texto. As competências linguísticas trabalhadas de forma mais dinâmica e atrativa, certamente serão assimiladas pelos alunos e aprendidas de forma eficiente.

Sendo assim, espera-se que este estudo possa não apenas corroborar as teorias já apresentadas, mas que sirva como material de apoio e motive os educadores para que se sintam impelidos a alterar suas práticas, caso estas não estejam lhe trazendo os resultados esperados em sala de aula. Que novos e mais complexos estudos sejam realizados para avaliar os textos humorísticos, investigar seu valor ideológico, social e principalmente linguístico. Que muitas outras pesquisas sejam desenvolvidas a fim de somar, imenso repertório de trabalhos referentes ao humor, mais uma pesquisa com resultados práticos e aplicabilidade com respostas positivas por parte dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

AQUINO, Tomás de. *Tratado sobre o brincar: em Cultura e Educação na Idade Média*, de Luiz Jean Lauand (org.), São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris Figueiredo. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

BRANDÃO, Carlos Roberto. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Helena Nair. coord. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000. - (Coleção aprender e ensinar com textos; v.5)

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, Elza Sabino da Silva e SAMPAIO, Emílio Davi. *Estudos de linguagem e de literatura – um olhar para o lato sensu*. Dourados: Editora UEMS, 2009.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1989.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Contexto, 1979.

DIONISIO, André de Paula. *et alii*. Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. São Paulo: Globo, 1989.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. In:____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. *A linguagem da surpresa: uma proposta para o estudo da piada*. São Paulo: USP/FFLCH, 1991. (Tese de Doutorado)

GIL, Célia Maria Carcagnolo. *A Linguagem da Surpresa: Sérias reflexões sobre o riso*. Campos do Jordão, SP: Ed. do Autor, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KLEIMAN, Angela (org.). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Contexto, 1993.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos/William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal – um apelo à pesquisa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o estudo literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1983. *Linguística textual, o que é e como se faz*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. Série Debates, v 1.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo *et alii*. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MINOIS, Georges, 1946 – História do riso e do escárnio/Georges Minois -tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luísa (orgs.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas-SP: Fontes, 1987.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 4^a ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.
- PEROTTI, Ivane Laurete. *Uma tipologia do discurso de humor (o político do humor e o humor político)* UFSC- dissertação de Mestrado, 1995.
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da Língua*. São Paulo: Contexto, 2010.
- POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso: As técnicas narrativas de piadas e textos humorísticos que surpreendem o leitor com sentido inusitado*. Revista Língua Portuguesa, Ano V, n.64 – Fev/2011.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola/Sírio Possenti – Campinas-SP: ALB: Mercado de Letras, 1996 (Coleção Leituras no Brasil)*.
- POSSENTI, Sírio. *Um mergulho nos textos curtos: As técnicas narrativas de piadas e textos humorísticos que surpreendem o leitor com sentido inusitado*. Revista Língua Portuguesa, Ano V, n.64 – Fev/2011.
- PRETI, Dino. *Tabus linguísticos*. São Paulo: Edusp, 2000.

ROMÃO, Sídnei Cursino Guimarães. *ONDE ESTÁ A GRAÇA*: análise da perlocução em textos humorísticos nos níveis explícito, implícito e metaplícito. Uberlândia: UFU, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SIMÕES, Darcilia. Ícones e índices na superfície textual. In SIMÕES, Darcilia (org.). *Estudos semióticos: papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004, p. 16-23.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5 ed., São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus/ Luiz Carlos Travaglia. – 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

ZILLES, Ana Maria Stahl e FARACO, Carlos Alberto. As tarefas sociolinguísticas no Brasil: balanço e perspectivas. In: GORSKI, Edair Maria *et alii*. *Sociolinguística e ensino – contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis, SC: UFSC, 2006, p.23-52.

ANEXOS



Plano de Aula

Professor(a): Edvaldo Teixeira Moraes

Município: Rio Brillhante

Unidade Escolar: E E Etalívio Pereira Martins

Ano/Fase/Modulo: 2º D

Período: 3º Bimestre

Disciplina: Língua Portuguesa

Turno: Noturno

Turmas: D

Quantidade de Aulas: 14

Data: 01/09/2014 a 30/09/2014

Conteúdos

ORALIDADE

- Linguagem Coloquial e Linguagem Formal, em diferentes contextos;
- Reconhecimento da Norma Culta/Padrão, identificação e uso dessa norma e sua aplicabilidade;
- Variação linguística: variedades regionais e sociais;
- Textos informativos e argumentativos sobre temas atuais diversos, principalmente relativos à juventude e adolescência.

PRÁTICA DE LEITURA

- Informações Explícitas e Implícitas nos textos trabalhados;
- Marcas linguísticas e tema central desses textos;
- Interpretação e discussão dos textos expostos em sala de aula.

PRODUÇÃO DE TEXTO

- Gêneros textuais: Texto humorístico – piadas.

ANÁLISE E REFLEXÃO DA LÍNGUA

- Linguagem Formal e Informal/ Norma Culta;
- Classes Gramaticais: Revisão sobre as classes gramaticais, dando ênfase ao Pronome Relativo;
- Orações Subordinadas Substantivas e Adjetivas;
- Concordância Nominal e Verbal.

Habilidades/Competências

ORALIDADE

- Ouvir, analisar, produzir e pesquisar sobre os textos humorísticos;
- Reconhecer os recursos e elementos utilizados nesse tipo de texto para produzir o efeito do humor no texto.

PRÁTICA DE LEITURA

- Analisar o conteúdo das leituras, formular hipóteses, inferir informações implícitas e verificar as hipóteses;
- Identificar os objetivos do texto, considerando a enunciação, relação autor-texto-leitor;
- Identificar a ideia principal e as ideias secundárias contidas no texto.

Metodologia/Atividades a serem desenvolvidas

1ª aula 02/09:

Discussão com os alunos sobre o gênero textual humorístico (piadas). Expor o conceito e textos desse tipo de gênero e discutir sobre eles com a turma.

2ª aula 05/09:

Revisar a discussão da aula anterior, expondo no Data show exemplos de textos humorísticos, levando os alunos a perceberem as características principais desse tipo de texto e compreender a importância da escolha vocabular para a construção do sentido do humor nas piadas.

3ª aula 09/09:

Trabalhar a questão vocabular, os elementos linguísticos, levando os alunos a perceberem como a escolha vocabular é determinante na construção do sentido humorístico nas piadas. Apresentar elementos que podem ser utilizados na construção do sentido humorístico para que a turma possa produzir textos desse gênero.

4ª aula 12/09:

Pedir para os alunos produzirem textos (piadas) de acordo com o tema estudado. Dar um tempo para realização dessa atividade. Atividade valendo até 5,0 pontos.

5ª aula 16/09: Revisão sobre as classes gramaticais (Ênfase ao conteúdo: Pronome Relativo)

6ª aula 19/09: Continuação da revisão sobre as classes gramaticais, com a participação dos alunos, tirando dúvidas sobre o conteúdo. Atividades sobre o conteúdo ministrado.

7ª aula 23/09 – Explicação sobre Concordância Nominal e Verbal.

8ª aula - 26/09 – Revisão sobre o conteúdo ministrado.

9ª aula 30/09 – Aplicação de Avaliação escrita sobre o conteúdo ministrado, valendo de 0 a 10,0 pontos.

Observações do(a) professor(a)

Professor(a)	Coordenador(a)
---------------------	-----------------------

Observações do(a) Coordenador(a):



Escola Estadual Etalívio Pereira Martins

Professor: Edvaldo Teixeira Moraes

Aluno(a): _____ Data ____/____/2014

FICHA DE AVALIAÇÃO DE PIADAS TRABALHADAS EM SALA DE AULA

- 1- Qual o tema principal da(s) piada(s) analisada(s) em sala de aula?
- 2- Qual a identidade social dos personagens e qual a sua influência na produção do sentido no texto humorístico?
- 3- Existe um “gancho” ou “gatilho” nessa(s) piada(s)? Identifique-o.
- 4- É possível identificar se há algum signo “desorientador” no(s) analisado(s)? Justifique.
- 5- A escolha vocabular é um fator determinante do sentido do humor no(s) texto(s) estudado? Justifique.
- 6- É possível identificar crítica ou escárnio a algum tipo social estudado? Qual? Justifique.



AUTORIZAÇÃO

Eu, Valdecir Moraes, Diretor da Escola Estadual Etalvívio Pereira Martins, na cidade de Rio Brilhante, MS, autorizo o professor Edvaldo Teixeira Moraes, a divulgar os resultados de seu trabalho com textos humorísticos, mais especificamente as piadas, em duas turmas do Ensino Médio, no segundo semestre de 2014, na referida escola, como requisito para confirmar as hipóteses de sua pesquisa intitulada **“Estudo de piadas: a importância dos textos humorísticos nas aulas de Língua Portuguesa”**, referente à sua Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, unidade de Campo Grande.

Rio Brilhante-MS, 25 de maio de 2015.

Valdecir Moraes
Diretor